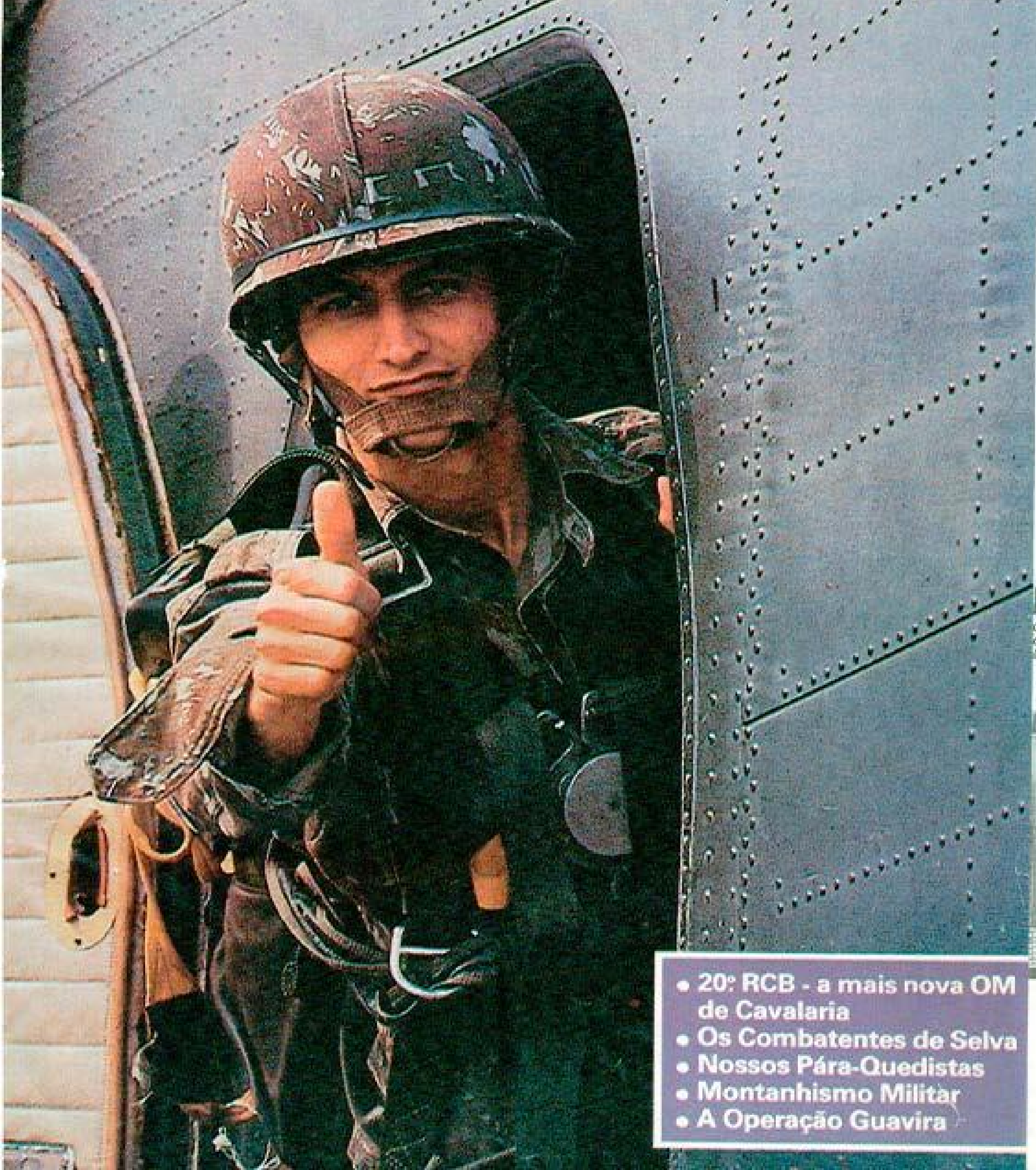
VERDE-OLIVA

Abril de 1990 — Ano XVIII — Nº 126
Centro de Comunicação Social do Exército



- 20º RCB - a mais nova OM de Cavalaria
- Os Combatentes de Selva
- Nossos Pára-Quedistas
- Montanhismo Militar
- A Operação Guavira

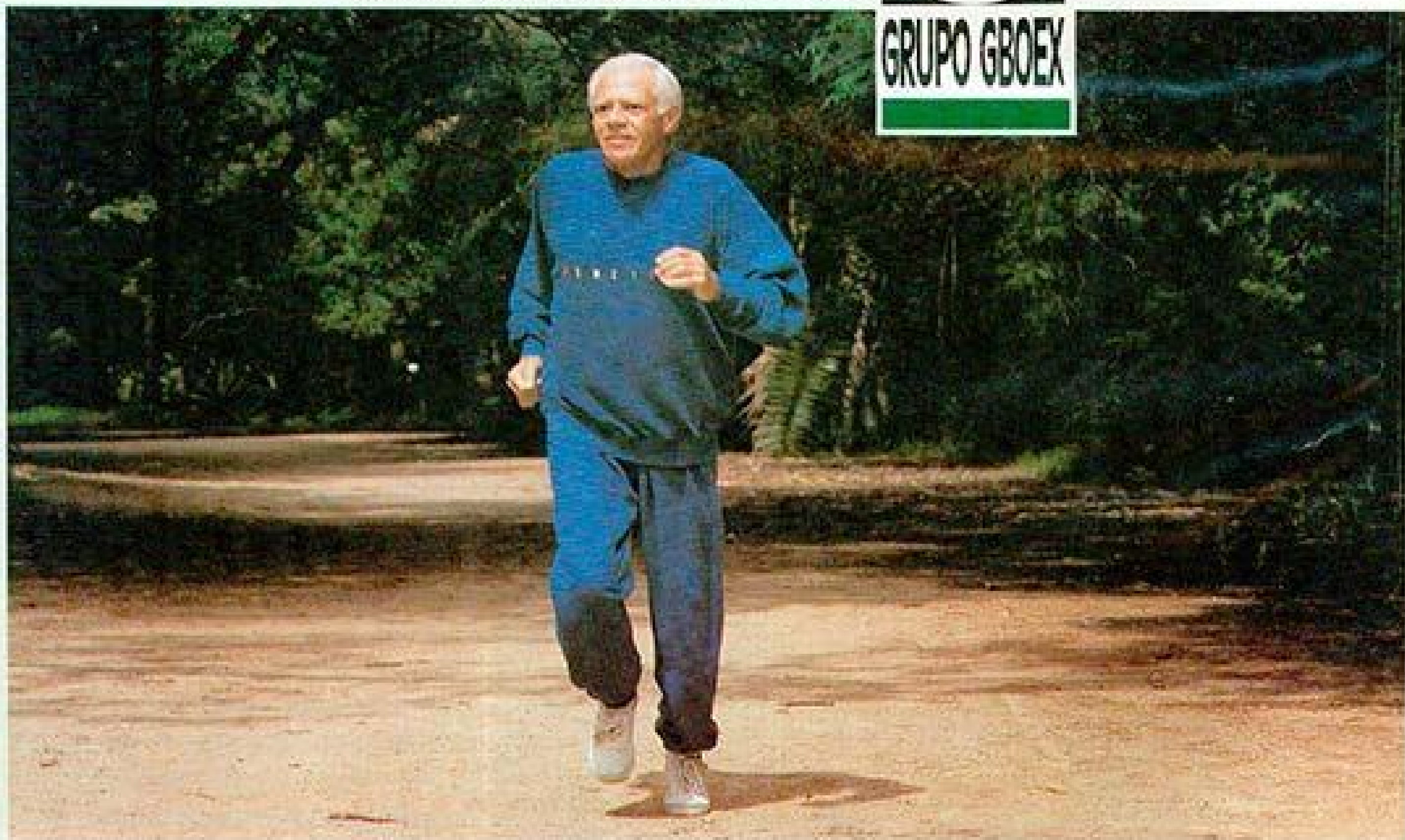
COM O GBOEX VOCÊ SEMPRE TEM FUTURO.

O GBOEX tornou-se a maior empresa de Previdência Privada da América Latina porque participa ativamente das mudanças que buscam aprimorar a qualidade de vida do homem. Toda sua agilidade e eficiência resultam em sólidos benefícios para seus associados. Por isso, tem sempre novidades nos seus planos de pecúlio, seguros (de vida, incêndio, acidentes e de veículos), além dos planos de saúde que prevêem reembolso e assistência médica completa.

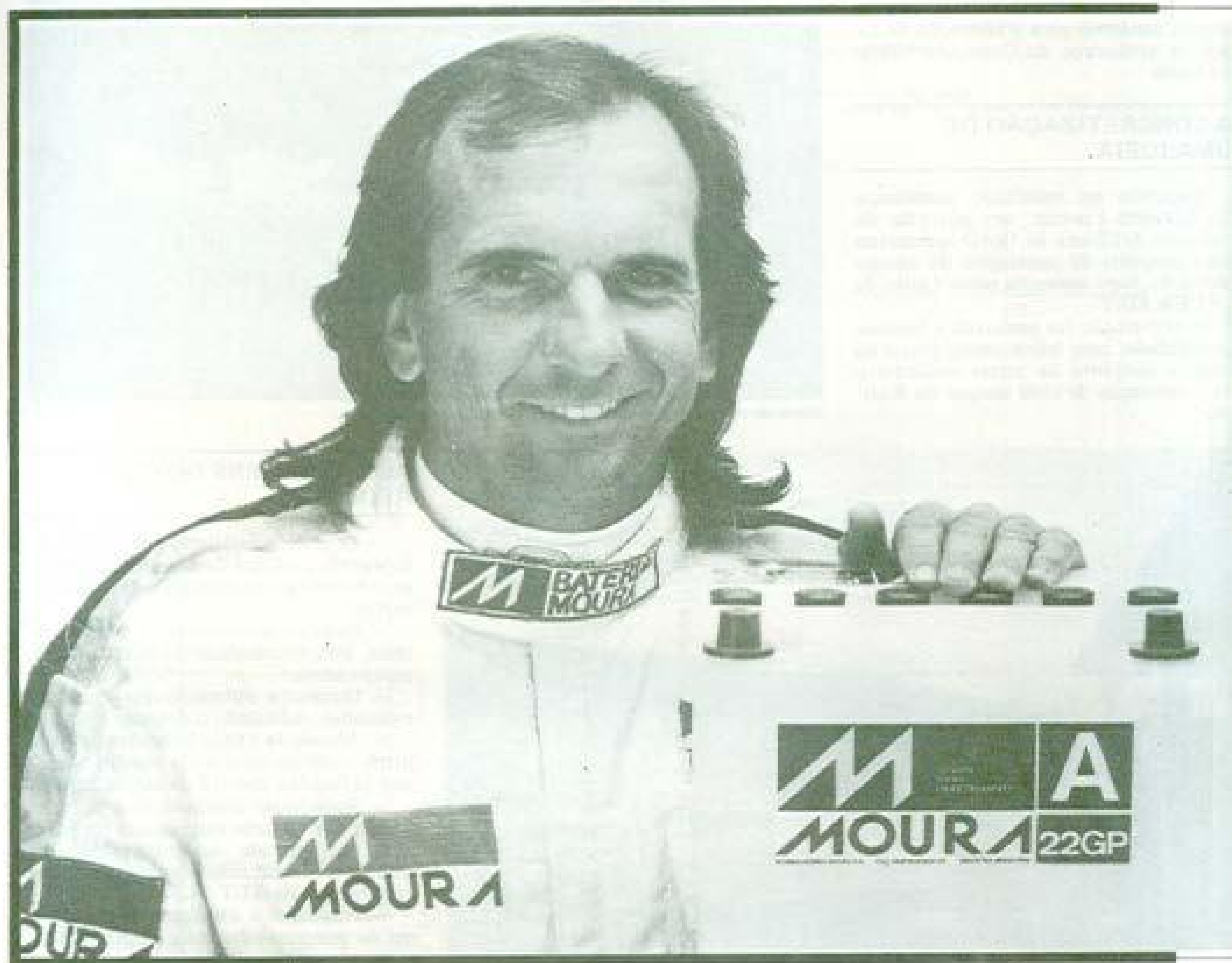
Conheça uma destas iniciativas. O GBOEX ampliou o seu plano especial de Pecúlio por Faixa Etária para militares de até 70 anos de idade. Da ativa ou da reserva. Sem discriminação. Nenhum outro plano faz isso.

Confiança no presente. Segurança no futuro.





ESSA EU USO E GARANTO



Fittipaldi



MODERNIZAÇÃO NA INSTRUÇÃO DE ARTILHARIA
Campo de Tiro Reduzido

Com a inauguração do Campo de Tiro Reduzido para o Dispositivo de Tiro calibre 14.5 (DT 14.5), em Gericinó, Vila Militar, Rio de Janeiro, a 1ª Divisão de Exército introduziu mais um equipamento moderno para a instrução de todos os artilheiros do Comando Militar do Leste.

A CONCRETIZAÇÃO DE UMA IDÉIA

Inspirado em instalação semelhante do Exército Francês, um instrutor do curso de Artilharia da EsAO apresentou uma proposta de montagem do campo reduzido, logo assumida pelos Cmdo da 1ª DE e AD/1.

A construção foi acelerada e tornou-se realidade, com baixo custo, graças ao esforço conjunto de várias unidades e da cooperação de civis amigos do Exército.



Obras de Arte, em dimensões reduzidas, na área de alvos.



Central de Tiro

AS CARACTERÍSTICAS DO CAMPO

– O Campo de Tiro situa-se em local de fácil acesso e próximo à entrada do Campo de Instrução de Gericinó.

– Possui uma área de aproximadamente 175.000m² (profundidade: 500m – largura: 350m).

– Um talude de proteção para os postos de observação axiais separa a área de posição das peças da área de alvos.

– A central de tiro fica em dependência coberta.

– Todas as obras de arte da área de alvos são em alvenaria. Entre elas, encontramos casas isoladas, vila, depósitos, pontes, colunas de viaturas, etc.

– As dimensões do Campo de Tiro, inclusive as obras de arte, estão reduzidas dez vezes em relação às dimensões reais.

AS VANTAGENS DO CAMPO REDUZIDO

– Permite a instrução simultânea de topografia, técnica de tiro, central de tiro, observação e exploração das comunicações.

– Pode ser utilizado em qualquer horário, sem necessidade de interdição do espaço aéreo.

– Diminui a utilização dos obuseiros e canhões, reduzindo o desgaste.

– Atende às várias Unidades de Artilharia sediadas no Rio de Janeiro, inclusive às Escolas, como é o caso da EsAO.

– Economiza combustível e reduz o número de viaturas empregadas em exercício em virtude da proximidade do campo e do reduzido peso e volume do material em uso (DT 14.5).

– Possibilita a utilização de um sistema de pontaria adaptado, empregando a mesma luneta usada no obuseiro.

Sua grande e talvez decisiva vantagem é a continuidade da instrução com economia de munição real de Artilharia, tão dispendiosa e difícil na atual conjuntura econômica do País (1 tiro do DT 14.5 é 3 vezes mais barato que 1 tiro de Obus 105mm).

Assim, a Verde-Oliva veicula uma realização importante que pode ser adotada com relativa facilidade e baixo custo em todos os campos de instrução utilizados pela arma de Mallet.

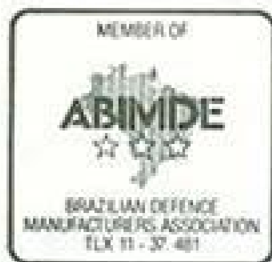
CAMPO DE TIRO REDUZIDO DE GERICINÓ

VILA DO JOÃO
AA/3 H=35,81
AA/6-VIATURAS H=31,79
72 245,00
AA/12 VILA ALIANÇA H=28,67
AA/2 BLINDADOS H=32,14
Riacho do Socorro
AA/13 CX. D'ÁGUA DA VILA ALIANÇA H=30,97
CX. D'ÁGUA AA/1 H=31,54
AA/4 ESCOLA H=29,68
AA/10 ESCOLA DA VILA ALIANÇA H=26,41
72 182,50
AA/8 GÁS VILA ALIANÇA H=26,56
AA/7 ALCOOL H=28,18
Rio Maria
AA/6 PONTE NORTE H=27,62
AA/9 PONTE LESTE H=26,70
AA/5 GÁS H=27,71
72 120,00
72 057,50
TELHEIRO
PO/4 H=26,49
PO/3 H=26,49
PO/2 H=26,49
PO/1 H=26,49
TALUDE
71 995,00
TALUDE
CB/1 H=25,63
CB/2 H=25,69
CB/3 H=26,25
CB/4 H=26,22
CB/5 H=26,10
CB/6 H=26,19
71 932,50
EO/1 H=25,73
EO/2 H=25,73
EO/3 H=26,10
EO/4 H=26,12
EO/5 H=26,00
EO/6 H=26,09
71 870,00
ESCALA: 1:1.250
71 807,50
54 912,50 | 54 975,00 | 55 037,50 | 55 100,00 | 55 162,50 | 55 225

Magalhães Sucupira:
a marca que todo militar conhece.

Há 58 anos fornecendo com presteza e qualidade a linha completa de uniformes e equipamentos de campanha para os militares de todo o Brasil.





Matriz
- Rua 1º de Março, 149 Rio de Janeiro, RJ
  Tel. (021) 233-6027 Telex 021 37576

Filiais:
- AR-AMAM: Rod. Pres. Dutra, km 306 Resende, RJ
  Tel. (0243) 54-3355 R. 324
- Cruzeiro Velho SRE/Sul: Q.10 Bl. A Com. Local
  Brasília, DF - Tel. (061) 233-2863
- Ministério do Exército: Subsolo M. Ex.
  Brasília, DF - Tel. (061) 321-7172 R. 2189
- IIº GAAAE - Brasília, DF - Tel. (061) 233-5780 R. 48
- Vila Militar Rio de Janeiro (ao lado do Banco do Brasil)
  Av. Duque de Caxias, 938 - Deodoro



Magalhães Sucupira Com. e Ind. S.A.
TRADIÇÃO DESDE 1932

OS FORTES DE SALVADOR/BA

Somente com a realização das expedições exploradoras que se seguiram à descoberta do Brasil é que Portugal começou a tomar conhecimento da real importância do território conquistado.

Os portugueses, percorrendo nossas costas, constataram não só a sua vastidão, como também que, ao invés dos metais preciosos, o único manancial de riqueza encontrado, de exploração imediata, era o pau-brasil, de grande valor comercial na época.

Nossos descobridores logo demonstraram interesse pela nova fonte, no que foram seguidos por outras nações, originando inúmeras incursões ao nosso território.

Para defendê-lo, instituiu-se um incipiente sistema de feitorias, que funcionava mais como entreposto do que como guarnição e procurava garantir a Portugal o monopólio do comércio recém-iniciado.

Começa a colonização. Passo importante para a sua concretização foi a instituição do Governo Geral, confiado inicialmente a Tomé de Souza. Ele recebeu a determinação de fazer bem guarnecida a sede do governo a ser construída: Salvador.

A cidade fortificou-se; vários planos e sistemas de defesa foram elaborados. Ao longo da Baía de Todos os Santos, vários fortes foram levantados e hoje lembram nosso passado, proporcionando àqueles que os visitam a possibilidade de observar a beleza de suas formas arquitetônicas e de algumas de suas antigas peças de artilharia. Permitem, também, comprovar a inteligência de suas localizações, exemplo perfeito de um sistema integrado de defesa.

O Exército Brasileiro, através da 6ª Região Militar, firmou, em fevereiro de 1988, um convênio com entidades civis para a recuperação de dois fortes sob sua responsabilidade: o de São Diogo e o de Monte Serrat. Novos entendimentos têm sido mantidos para que o mesmo seja feito em relação a outro forte — o de Santo Alberto.

FORTE SÃO DIOGO

Construído em 1629, no período do governo de Diogo Luiz Oliveira, é fruto da experiência obtida na guerra contra os holandeses, que dominaram a cidade nos anos de 1624/25.

A sua localização, sobre o canal de entrada da Baía de Todos os Santos, obedeceu a um bem planejado plano de defesa, que buscava fortalecer os pontos vulneráveis e proteger outros possíveis acessos à cidade.

Em 1638, Maurício de Nassau, na tentativa de reconquistar Salvador, atacou-o sem sucesso. O forte, apesar de inacabado, resistiu bravamente em seu batismo de fogo e não mais foi molestado, apesar da presença holandesa por mais de uma década no recôncavo baiano.

Pequeno e baixo, não comportava mais do que sete peças e só foi concluído em 1704, no governo de D. Rodrigo Costa.

1775 — Era guarnecido por 6 (seis) peças de artilharia, calibre 6.8 e 10.

1865 — Passou a receber a Companhia de Inválidos ou dos ex-combatentes.

1924 — A "The Western Telegraph Company" pretendeu instalar terminais de cabo submarino, o que não foi autorizado, por ter sido o local considerado necessário à Defesa Nacional.

Várias outras atividades fizeram parte da vida do S. Diogo. Atualmente, suas instalações abrigam uma Junta do Serviço Militar e as administrações do Clube dos Subtenentes e Sargentos e do Clube Baiano de Pára-Quedismo.

FORTE MONTE SERRAT

Situado na parte ocidental da península de Itapagipe, está a 18 metros sobre o mar e domina todo o porto e a barra da Baía de Todos os Santos. É uma paisagem belíssima.

Em suas imediações, acontecem as famosas e tradicionais festas baianas: a da Boa Viagem, a da Ribeira e a do Bonfim.

Monte Serrat é um dos mais antigos fortes da Bahia. A construção do 1º fortim aconteceu no governo de Manoel Teles Barreto (1583/1587).



Forte Monte Serrat



Forte São Diogo

Até o princípio do século XIX, era conhecido por Forte São Felipe, quando então passou a denominar-se Monte Serrat.

Em 1759, possuía oito peças de ferro calibre 18.

No final do século XVI, essa fortificação, ao norte, juntamente com a de Santo Antônio, ao sul, tinha a responsabilidade de impedir o desembarque de forças inimigas no porto e praias vizinhas à cidade, o que se mostrou ineficiente.

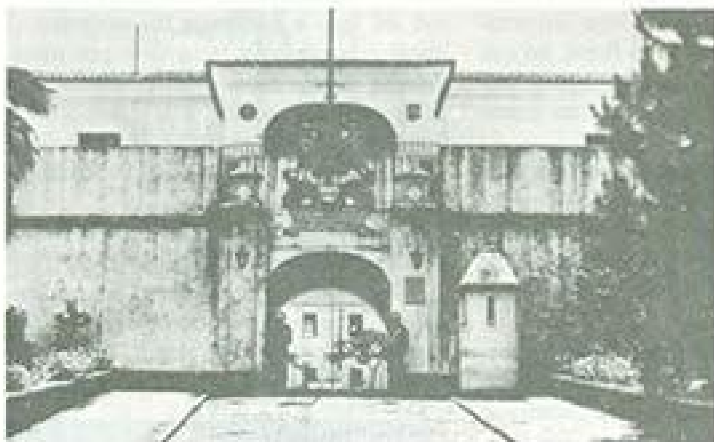
Em 1624, após brava resistência, conseguindo impedir durante todo o dia 9 de maio o desembarque das tropas holandesas nos subúrbios da cidade, acabou sucumbindo.

Novamente os holandeses, agora na 2ª tentativa de invasão da cidade, em 1638, ocuparam o forte.

Por ocasião da "Sabinada", em 1837, foi conquistado pelos revoltosos. As tropas fiéis ao Império só o retomaram ao ano seguinte, após um cerco por terra e por mar.

Atualmente, estudos estão sendo feitos para a melhor utilização da área. Provavelmente, suas dependências abrigarão um memorial sobre o Exército Brasileiro na Bahia.


Forte de São Pedro


Forte do Barbalho

FORTE SANTO ALBERTO

Pequeno e pouco conhecido, pois quase nada existe escrito sobre sua história, o forte Santo Alberto, também denominado "Forte Lagartixa", devido à existência de uma pequena peça de artilharia que compunha sua guarnição e que era assim chamada, possuiu outras denominações: já foi São Tiago de Água de Meninos e Forte de Água de Meninos.

Antes de ser rebatizado com o nome de Santo Alberto, era conhecido por Fortinho dos Franceses ou simplesmente "Fortinho".

Está localizado na cidade baixa, em frente à tradicional e famosa "Feira de São Joaquim".

Para melhor conhecê-lo, uma pesquisa histórica deverá ser realizada. Providência nesse sentido está sendo tomada.

FORTE DE SÃO PEDRO

Situado entre a encosta que termina na Baía de Todos os Santos e o vale que separa os bairros do Garcia e Politeama, era, no século XIX, de grande importância estratégica.

Seu erguimento iniciou-se no governo de Diogo Luiz de Oliveira (1627), na cidade alta, e fechava o acesso pelo lado sul. Devido às ameaças de guerra, tornou-se uma das mais poderosas fortificações de Salvador.

Além da participação nas lutas flamengas, entrou a Fortaleza de São Pedro para a história por sua atuação nos movimentos libertários. Ali se recolheram as tropas que mais tarde seriam batidas pelas do Gen Madeira.

Em 2 de julho de 1823, quando as forças portuguesas foram derrotadas, coube ao Major Manoel Marques Pitanga, irmão do Almirante Tamandaré, tomar e comandar o forte.

Em 1837/38, serviu como quartel-general da Sabinada e foi duramente castigado pelas forças legais.

No dia 17 de novembro de 1889, a notícia da Proclamação da República ainda não havia chegado à Bahia. O momento exigia uma decisão.

E ela foi tomada pelo Tenente-Coronel Frederico Cristiano Benys, comandante do Forte, que, com a tropa formada, mandou arriar a bandeira imperial e hastear a bandeira do Clube Republicano (atualmente a bandeira do Estado da Bahia). Consultado sobre o que a banda de música deveria tocar, determinou que fosse "A Marselhesa", pois segundo teria dito, é o hino da libertação de todos os povos.

Atualmente, nele estão instalados o Depósito Regional de Subsistência da 6ª RM e a 17ª Circunscrição do Serviço Militar.

FORTE DO BARBALHO

Esse forte tinha, juntamente com o de Santo Antônio Além do Carmo, a função de impedir o acesso à cidade pelo norte. Os dois flanqueavam a única entrada por esse setor.

As primeiras construções surgiram em 1638, quando Luiz Barbalho Bezerra, temendo que os holandeses, em uma segunda investida, contornassem as defesas de Santo Antonio e entrassem na cidade, levantou trincheiras no local.

Aderiu, em 1837, à Sabinada e resistiu, no ano seguinte, à entrada das forças imperiais. Nele ficaram presos 193 dos revoltosos.

No dia 10 de janeiro de 1912, participa com o forte de São Marcelo do bombardeio da cidade, por ocasião da intervenção federal na Bahia.

Atualmente, é ocupado por um Batalhão da Polícia Militar da Bahia, em regime de comodato com o Exército Brasileiro.

(Concluiremos esta matéria nos próximos números)

SERVIÇO GEOGRÁFICO DO EXÉRCITO

A Cartografia do Brasil teve início no século passado, quando, em 1890, foi criado o Serviço Geográfico. Por meio da Comissão de Carta Geral do Brasil, instalada em Porto Alegre, em 1903, iniciou-se a execução do histórico projeto de triangulação do País, cobrindo, inicialmente, o Estado do Rio Grande do Sul.

Aquele evento deu notável impulso às atividades cartográficas no Brasil. Hoje, o Exército já mapeou mais de 60% do território brasileiro. Estes mapas, chamados de "cartas" pelos militares, são reeditados periodicamente para representarem, com exatidão, os acidentes neles contidos. Poucos sabem que qualquer pessoa pode adquiri-los nas Divisões de Levantamento, existentes nas cidades de Brasília, Manaus, Olinda, Porto Alegre e Rio.

A Diretoria de Serviço Geográfico cumpre além destas, outras tarefas da mesma natureza e de grande vulto.

Na Amazônia levantou, nestes últimos anos, mais de 130 mil quilômetros quadrados de terras indígenas, um dado importante no equacionamento dos graves conflitos entre brancos e índios. Os levantamentos efetuados pelo Exército no nordeste, desde 1967, em convênio com a SUDENE, já cobriram quase 90% de toda aquela área.

Além disso, o Exército prepara ca[rtas] desportivas, para provas de orientaçã[o] e outras de natureza técnico-militar, de u[so] exclusivo e restrito, como as destinadas [ao] emprego de tropas blindadas.



1990
100 ANOS MAPEANDO O BRASIL

20º REGIMENTO DE CAVALARIA BLINDADO



HISTÓRICO

O 20º REGIMENTO DE CAVALARIA BLINDADO foi criado pelo Decreto nº 92.171, de 18 de dezembro de 1985 e teve sua construção iniciada em outubro de 1986. É uma das unidades do Programa de Estruturação do Exército, dentro do Projeto FT/90, e veio para completar a estrutura organizacional da 4ª Brigada de Cavalaria Mecanizada, que tem sua sede na cidade de Dourados, ao sul do Estado do Mato Grosso do Sul. Sediado na pujante cidade de Campo Grande, é o mais potente elemento de choque da Brigada e surgiu da necessidade de ampliar sua capacidade de combate e, conseqüentemente, suas possibilidades operacionais no cumprimento de missões que lhe forem atribuídas.

Foi inaugurado a 20 de janeiro de 1988, com a posse de seu primeiro comandante, o Cel Cav Roberto Schifer Bernardi.

A mais nova OM de Cavalaria do Exérci o Brasileiro está localizada no bairro de Santa Carmélia, em um quartel que foge aos padrões normais das unidades do Exército, devido ao arrojo e à modernidade de sua arquitetura e funcionalidade de suas instalações. Ele nasceu plenamente identificado com o estado de Mato Grosso do Sul, pois seus quadros de oficiais e praças são originários, em sua grande maioria, do 1º/4º R Rec Mec, de Campo Grande, que foi absorvido pela nova OM.

ESTRUTURA ORGANIZACIONAL

A estrutura prevista para a Unidade é de um Esquadrão de Comando e Serviço, dois Esquadrões de Carros de Combate e dois Esquadrões de Fuzileiros Blindados. No momento, a Unidade tem um dos esquadrões de fuzileiros blindados sediado na cidade de Três Lagoas, de onde deverá vir para completar sua organização.

A Unidade está equipada com meios blindados sobre lagarta dos tipos M41A3C e M113B, de fabricação americana, mas totalmente modernizados pela indústria bélica nacional. Os CC são guarnecidos por uma guarnição de 4 (quatro) homens e possuem como armamento um canhão de 90 mm, uma metralhadora .50 e uma metralhadora co-axial de 7.62 mm. As VBTP transportam um grupo de combate de 9 (nove) homens e mais a guarnição do carro. Seu armamento é uma metralhadora .50 na tor-



Blindados M113B e Carros de Combate M41A3C orgânicos do Regimento

reta da viatura. Os Pel CC são equipados com 3 (três) carros de combate e os Pel Fzo Bld com 4 (quatro) VBTP.

Faz parte também da organização do 20º RCB um NPOR, que passará a funcionar a partir do corrente ano. Atualmente, está em fase de organização e preparação das instalações, seleção do pessoal e planejamento das instruções.

INSTALAÇÕES DO AQUARTELAMENTO

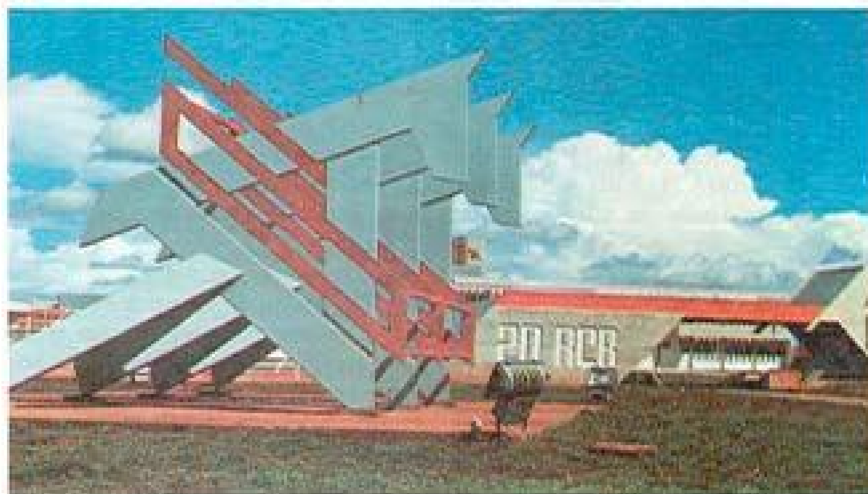
Construído na periferia de Campo Grande, numa área de aproximadamente 200.000m², dispõe de instalações para 5 (cinco) esquadrões e um NPOR, além do Pavilhão de Administração, Complexo de Rancho, Enfermaria, Almoxarifado, Oficina Mecânica, Pavilhão de Serviços Gerais, Estande de Tiro Reduzido para Carros de Combate, Posto de Abastecimento e Lubrificação, Garagens, Rampas de Lavagem e um amplo e moderno Parque Esportivo com 2 (duas) quadras polivalentes, um estádio com pista de atletismo para a prática de todas as modalidades de corrida e provas de campo, campo de futebol, pista de pentatlo militar, pista de circuito e pista de arremesso de granada, perfazendo um total de 22.000m² de área construída e 50.000m² de área pavimentada.

O logotipo do 20º RCB é uma estrutura composta de uma tríade de motivos significantes: o Cavalo, o Blindado e a Águia altaneira que representam, respectivamente, os meios que a arma utilizou no passado e usa no presente para o cumprimento de suas clássicas missões. A Águia altaneira simboliza o futuro com a ampliação de suas possibilidades de combate pela conquista da 3ª dimensão no campo de batalha.

A Unidade utiliza uma área cedida pela Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias (EMBRAPA), na periferia da cidade, para formação e adestramento de seus quadros. Para os exercícios no terreno a nível Subunidade, o Regimento se desloca, por meios ferroviários, até o Campo de Instrução de Betione, que é a Área de Instrução do Comando Militar do Oeste, localizada no Município de Miranda, a aproximadamente 290 km de Campo Grande.



O Carro de Combate – limpeza e conservação



Logotipo da Unidade



Instrução com blindado

11º BI



UM POUCO DE SUA HISTÓRIA

O 11º BATALHÃO DE INFANTARIA (11º BI) — Regimento Tiradentes é o Regimento de São João, assim considerado pela hospitaleira gente da terra que o abriga desde 1897.

A Unidade, com base nos 51º e 54º Batalhões de Caçadores, foi estruturada, como 11º RI, em janeiro de 1920. Do 51º BC, a mais antiga OM formadora, destaca-se a sua chegada à cidade como 28º BI, Unidade criada em dezembro de 1888, enquanto o 54º BC, originário do 37º BI, registra sua incorporação ao 11º RI em 1920, já em São João Del Rei.

Do passado remoto e recente do 11º BI, extraem-se episódios marcantes que caracterizam tradições e conquistas e que fizeram a história da Unidade, ao longo do tempo. Dentre estes eventos devem ser ressaltados:

— a participação em distintas convulsões internas — CONTESTADO — CANUDOS — COMBATE À COLUNA PRESTES — REVOLUÇÕES DE 1924 e 1932;

— a presença na 2ª Guerra Mundial, como Unidade integrante da FEB, participando de todas as principais batalhas, culminando com a glória maior em MONTESE, o mais sangrento combate travado pela tropa brasileira naquele conflito;

— a posse de um Estandarte de Guerra, pleno de condecorações, dentre as quais se inclui a Cruz de Combate de 1ª Classe;

— a presença em sua galeria de heróis do passado, de inúmeros ex-combatentes, mortos nas conflagrações internas e na 2ª Guerra Mundial, cujos nomes ornam o bronze do saguão de entrada do Quartel e dão a mais adequada denominação às suas várias alamedas, como constante chamamento para o culto ao serviço da Pátria;

— a participação na vanguarda do Movimento Revolucionário de 1964, em defesa de sagrados postulados de liberdade e democracia; e

— mais recentemente, em razão de seu passado histórico e de sua localização no interior das Montanhas Alterosas, a designação pelo Estado-Maior do Exército para se constituir em Unidade Pioneira do Montanhismo Militar da Força Terrestre Brasileira.

Acresça-se a estas peculiaridades do 11º BI, a parada da Unidade em São João Del Rei, berço de Tiradentes, o protomártir da nossa Independência e Patrono Cívico da Nacionalidade Brasileira que, em 1945, passaria a ser também, o Patrono do Regimento, ao qual conferiria tão significativa designação histórica.

AS MISSÕES DA UNIDADE

Como Unidade integrante da 4ª Brigada de Infantaria Motorizada e em face da missão atribuída pelo Estado-Maior do Exército, o 11º BI vem funcionando: como misto de organização experimental para a doutrina de Operações em Montanha, através, particularmente, do intercâmbio com a EsAO e ECEME; como Unidade-Escola de Montanhismo Militar, através de estágios de todos os níveis, ministrados para a Brigada, outras OM do Exército, demais Forças Singulares, AMAN e EsSA; e também como unidade operacional, apta para o combate em terreno convencional ou de montanha.

A INSTRUÇÃO E O ADESTRAMENTO DA TROPA

A par de instruir e adestrar o homem, como qualquer outra Unidade de Infantaria que cumpre os objetivos impostos pelos distintos Programas Padrão (PP), o 11º BI segue um PP Experimental do Combatente de Montanha.

São aspectos, dentre outros, que ca-

racterizam este Programa sem, no entanto, permitir que a OM se afaste dos objetivos da Instrução Convencional:

– treinamento físico voltado para a formação de grupos musculares específicos;

– a vida e a sobrevivência na montanha;

– marchas em terreno montanhoso;

– técnica de transposição de obstáculos em montanha;

– qualificação como Combatente de Montanha, através da realização do Estágio de Escalador Militar, previsto para todos os integrantes da OM, e realizado no início da Instrução Individual de Qualificação; e

– realização de exercícios no Período de Adestramento Básico, atendendo às peculiaridades das operações em terreno montanhoso.

A FORMAÇÃO TÉCNICA DO COMBATENTE DE MONTANHA

Realiza-se através dos seguintes Estágios:



Escalador Militar – prática no Campo Escola de Montanhismo

Estágio de Escalador Militar

- Duração: 5 dias
- Destinação: oficiais e praças do Exército, Forças Singulares e Auxiliares e civis (a critério do EME)
- Objetivo: formar o Escalador Militar apto a realizar escaladas com segurança provida do alto, até o nível de 4º grau e escalar por vias equipadas.
- Vagas por Estágio: até 100.

Estágio de Guia de Cordada

- Duração: 10 dias
- Destinação: a mesma do Estágio de Escalador Militar (pré-requisito para o Estágio)
- Objetivo: formar o Guia de Cordada apto a: realizar escaladas livres até o 4º grau, conduzir uma cordada (grupo de homens unidos por uma corda), equipar vias e preparar aparelhos para içamento de cargas na montanha.
- Vagas por Estágio: até 30

Estágio de Guia de Montanha

- Duração: 35 dias
- Destinação: Oficiais e Sargentos Guias de Cordada
- Objetivo: formar o Guia de Montanha, assessor do Comandante Tático para as Operações em Montanha apto a: realizar escaladas livres até o 4º grau e artificiais até o 6º grau; equipar vias e guiar até 1 (uma) Companhia de Fuzileiros nos deslocamentos em terreno montanhoso.
- Vagas por Estágio: até 14.

AS EXPERIÊNCIAS DO 11º BI COMO OM DE MONTANHA

Após 10 (dez) anos de pesquisa doutrinária, seja por intermédio de exercícios realizados pela OM, seja através de intercâmbio com as principais Escolas do nosso Exército, o 11º BI tem encaminhado ao Escalão Superior, em seus relatórios, algumas experiências consolidadas sobre as operações em Montanha.

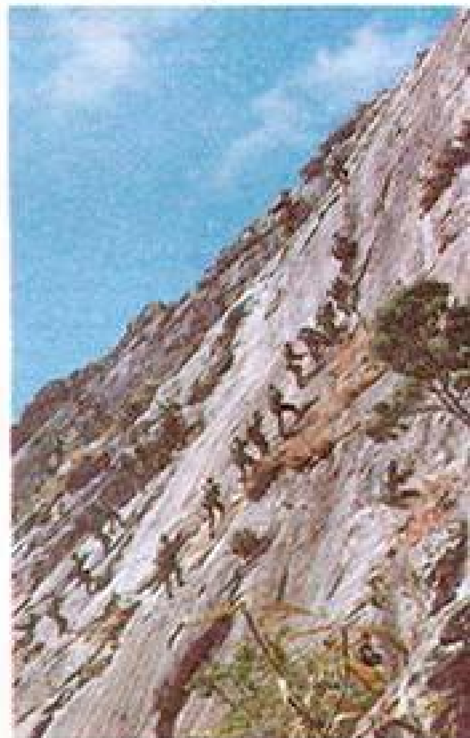
São aspectos, dentre outros, destas experiências de natureza doutrinária:

– princípios de guerra cuja aplicação é mais condicionada pelo terreno de montanha: Massa, buscado através do Movimento e da Surpresa; Manobra e Economia de Forças;

– concepção doutrinária voltada para o bloqueio do movimento nos poucos eixos ou para a liberação desses eixos, através da tática da Brigada e escalões menores;

– conquista e manutenção da "cabeça-de-montanha", buscada na ofensiva;

– ênfase: na ofensiva – à manobra de desbordamento, técnica de infiltração, descentralização em pequenas frações, valorização dos reconhecimentos através dos Escalões de Reconhecimento e Segurança que precedem a tropa nas operações (Guias de Cordada e Guias de Montanha); na defensiva – ao patrulhamento de ligação, à vigilância física e zonas minadas, aos núcleos de defesa de valor pelotão Ponto-forte e às reservas fracionadas e avançadas para os contra-ataques de pequeno vulto; na Guerra Irregular – à valorização dos reconhecimentos dos Guias de Montanha infiltrados e ao emprego de helitransporte; e ao amplo emprego de muares para o apoio administrativo às operações.



Operação em Montanha – assalto em Alcantilado. Vista geral da infiltração por vias equipadas

Para frente e para o alto! MONTANHA!

ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO EXÉRCITO



"De nada adiantarão sofisticados equipamentos bélicos se um Exército não dispuser de seus homens instruídos, saudáveis e com condições físicas compatíveis com suas necessidades operacionais."

Kwan Tzu

LOCALIZAÇÃO

A ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO EXÉRCITO (EsEFEx), marco fundamental do ensino de Educação Física no Brasil, está situada numa belíssima região do litoral carioca, entre os morros Cara de Cão e Pão de Açúcar, onde Estácio de Sá desembarcou, em 1565, para expulsar os franceses de Villegaignon e fundar a cidade do Rio de Janeiro.

HISTÓRICO

Suas origens datam de 1929, quando foi instalado o Curso Provisório de Educação Física que funcionou anexo à Escola de Sargentos de Infantaria, na Vila Militar.

Já em 11 de janeiro de 1930, o Curso Provisório foi transformado em Centro Militar de Educação Física, passando a funcionar no recinto da Fortaleza de São João. Posteriormente, em 1931, o Centro foi desligado da Fortaleza, tornando-se autônomo.

Em 1933, mais uma importante etapa foi vencida na consolidação da educação física no país, quando o Centro foi transformado em Escola, reestruturando e ampliando seus objetivos e cursos. Um desses cursos era o de Emergência, que, em 1938, após formar mais de uma centena de especialistas em educação física, médicos e professores, permitiu a oficialização da profissão no Brasil e foi o ponto de partida para a criação de um estabelecimento congênere no meio civil – a Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil.

O ano de 1947 marca uma nova reestruturação da Escola. O corpo discente foi ampliado e as demais Forças Singulares, bem como as Polícias Militares, passaram a freqüentar os diversos cursos de oficiais e sargentos. Nesta época, ainda, os cursos foram internacionalizados, passando a contar com a participação de militares de nações sul-americanas e de Portugal.

Merecem especial destaque, ao longo desses anos, a contribuição da EsEFEx para o preparo físico do soldado brasileiro na 2ª Guerra Mundial, conseguido através de exercícios constantes de seus manuais e regulamentos, bem como o planejamento e execução do treinamento da equipe brasileira que obteve o tricampeonato de futebol no México, em 1970.

FINALIDADE

A Escola de Educação Física do Exército é um estabelecimento de ensino que tem por finalidade:

– especializar oficiais em Educação Física, Esgrima e Desportos;

– especializar oficiais médicos em Medicina Desportiva;

– habilitar sargentos para o exercício das funções de Monitor de Educação Física e Desportos;

– realizar pesquisas no campo da Educação Física e Desportos, inclusive, se necessário, com a cooperação das instituições congêneres, com vistas à aplicação no Exército;

– prestar assessoramento, no âmbito do Exército, de assuntos relacionados

com Educação Física e Desportos, quando determinado pelo escalão superior;

— apoiar o escalão superior na promoção e realização de competições de caráter nacional e internacional e na organização e treinamento das equipes do Exército e das Forças Armadas; e

— cooperar com entidades civis nos assuntos de sua especialidade, na forma determinada pelo escalão superior.

CURSOS E OBJETIVOS

Os objetivos dos cursos ministrados na EsEFEx são os seguintes:

— Curso de Instrutor de Educação Física e Desportos — especializar oficiais das Armas, Serviço de Intendência e Quadro de Material Bélico, visando à habilitação para cargos e funções cujo exercício exija conhecimentos e prática nas áreas de Educação Física e Desportos;

— Curso de Medicina Desportiva — especializar oficiais médicos, visando a habilitá-los para cargos e funções cujo desempenho exija conhecimentos e práticas especiais de Medicina Desportiva;

— Curso de Mestre D'Armas — especializar oficiais, visando a capacitá-los para o ensino da esgrima no Exército, particularmente nas escolas de formação, para o treinamento de equipes, bem como para a organização de tais competições; e

— Curso de Monitor de Educação Física — especializar sargentos visando a habilitá-los para cargos e funções cujo desempenho exija conhecimentos e práticas inerentes ao Monitor de Educação Física e Desportos.

A ESCOLA NO FUTURO

Durante os 60 anos de sua existência, a EsEFEx acompanhou de perto a evolução do homem brasileiro no campo físico, consagrando-a nas Forças Armadas e no meio civil, nos âmbitos nacional e internacional.

Entretanto, o progresso científico e tecnológico impôs novas pedagogias e a valorização das pesquisas, em laboratório e campo, extrapolando, de certa forma, o potencial da EsEFEx.

O Exército carece, na atualidade, de um pólo de referência capaz de realizar altos estudos em benefício do Treinamento Físico Militar, a fim de atender suas necessidades de âmbito nacional.

Esta conjuntura intui e induz à indispensável criação de um Centro de Capacitação Física, interagindo Ensino, Pesquisa e Desporto, reunindo a Escola de Educação Física do Exército, o Instituto de Pesquisa de Capacitação Física e a Comissão de Desportos do Exército.

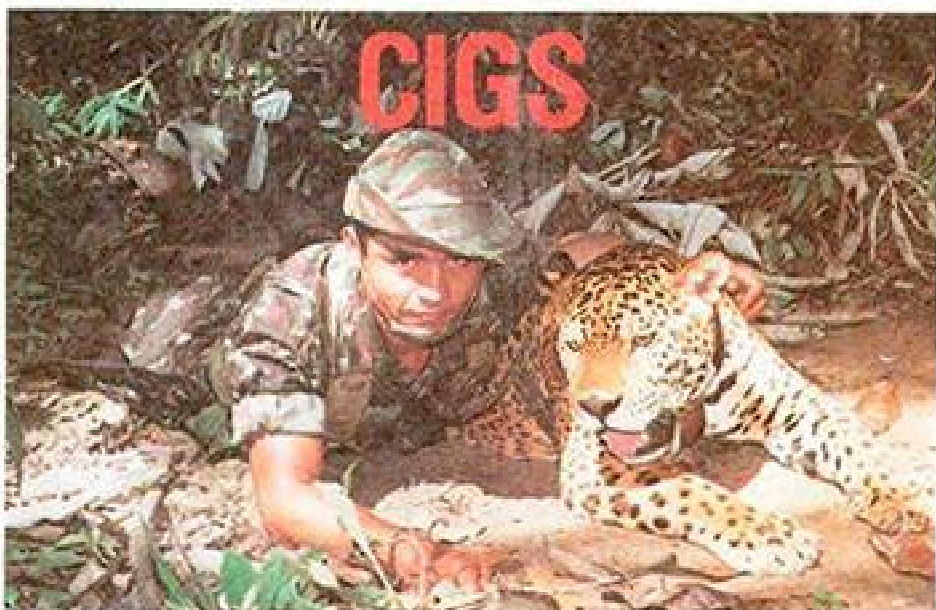
Os estudos do Plano Diretor do projeto estão em fase de acabamento. A divisão da área incluirá: zonas náuticas e de lazer na orla marítima; zona turística e sítio histórico no caminho do mar; zonas esportivas e o próprio Centro de Capacitação na via de penetração do mesmo; zona escolar, comercial e de serviços junto à Praça Principal e a zona residencial, com acesso independente.

As modernas e adequadas instalações do Centro permitirão ao Exército e ao Brasil o preenchimento de uma enorme lacuna existente no setor e a retomada, em níveis compatíveis, do intercâmbio internacional de práticas e conhecimentos científicos e tecnológicos, de aplicação na área do Treinamento Físico e dos Desportos, fundamentais à valorização e à promoção da saúde do homem brasileiro.

CIMENTO, DEDICAÇÃO, CAL; TRABALHO, ALUMÍNIO, ZINCO, ESFORÇO, NÍQUEL, AÇO, CONFIANÇA, EQUIPAMENTOS PESADOS, SUOR, FIBRAS, PRODUTOS QUÍMICOS, FÉ, PAPEL, REFRATÁRIOS, OUSADIA, TECIDOS, AÇÚCAR, INTELIGÊNCIA, ÁLCOOL, ENERGIA, MINÉRIOS, TALENTO.

VOTORANTIM. 70 ANOS TRABALHANDO COM MATÉRIAS-PRIMAS DE PRIMEIRA.

VOTORANTIM
Uma conquista brasileira



Combatente: o aguerrimento traduzido no olhar de fera

26 anos formando os guardiães da Amazônia

HISTÓRICO

Amazônia: 5.400.000 km², 11.000 km de linha de fronteira com sete países da América do Sul. A maior floresta equatorial do mundo! Um paraíso verde que abrange a metade do território brasileiro.

Assegurar a integridade da Amazônia é uma missão árdua que exige tropas com treinamento especial para operar sob circunstâncias adversas, impostas pelas condições climáticas, meteorológicas e fisiográficas. Para especializar homens que pudessem orientar e adestrar essas tropas, foi criado, em 2 de março de 1964, em Manaus, o **CENTRO DE INSTRUÇÃO DE GUERRA NA SELVA (CIGS)**.

As atividades de instrução tiveram início com o envio de uma equipe de militares para o "JUNGLE OPERATIONS TRAINING CENTER" (Exército dos EUA, Fort Sherman, Panamá) para freqüentarem o Curso de Treinamento de Combate na Selva. Ao término do curso foram considerados "Jungle Expert". Retornando ao Brasil, e sob o Comando do Tenente-Coronel Jorge Teixeira (primeiro comandante do CIGS), adaptaram seus conhecimentos à selva amazônica e formaram a primeira turma de combatentes de selva brasileiros, em novembro de 1966.

Em outubro de 1970, o CIGS teve a sua denominação alterada para Centro de Operações na Selva e Ações de Comando (COSAC), passando, também, a especializar os comandos brasileiros. Em janeiro de 1978 retornou à sigla original.

No ano passado, o CIGS comemorou o seu JUBILEU DE PRATA, carregando consigo vinte e cinco anos de experiência militar brasileira na selva, sendo reconhecido internacionalmente pelo padrão de qualidade de suas instruções e projetos desenvolvidos no campo da doutrina e pesquisa. O nível atingido é facilmente comprovado pelas inúmeras comitivas de países amigos que buscam conhecer de perto o que muitos consideram como "a melhor escola de guerra na selva do mundo".

O ENSINO

Alicerçado em fundamentos regulamentares, filosóficos e psicopedagógicos definidos e consentâneos com uma escola de combate de seu nível, o ensino no CIGS busca incessantemente o realismo, a imitação do combate, o pragmatismo dos princípios doutrinários.

Durante o ano letivo funcionam três cursos de operações na selva (COS) sucessivamente. Destinam-se à especialização de oficiais-superiores e capitães aperfeiçoados (COS "A"), capitães e tenentes (COS "B") e subtenentes e sargentos (COS "C"). São freqüentados por militares do Exército (a maioria), da Marinha, da Força Aérea, das Polícias Militares e das nações amigas.

Nesses 26 anos, o CIGS especializou 1.651 combatentes de selva, sendo 131 de nações amigas (Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, EUA, França, Guatemala, Guiana, Inglaterra, México, Panamá, Paraguai, Peru, Portugal e Suriname).

Além dos cursos, são desenvolvidos estágios de variada duração para tropas especiais e entidades civis, buscando basicamente noções de sobrevivência na selva.

Para o desenvolvimento dos cursos e estágios, o CIGS conta com uma área de selva primária de aproximadamente 1.150 km², com quatro bases de instrução (BI). As BI possuem infra-estrutura que permite seu funcionamento autônomo com a finalidade de apoiar o ensino. Caso a multiplicidade de missões imponha, poderão ser ativadas simultânea e independentemente.

Possui ainda um zoológico com mais de 300 exemplares da fauna mais representativa da região. O seu principal objetivo é o ensino, mas representa um importante cartão de visita do Brasil, pois se constitui em ponto de atração turística de passagem obrigatória para aqueles que visitam Manaus. Além de destinações educativas e turísticas, realiza pesquisas com animais, procurando a melhor forma de preservá-los.

O TREINAMENTO DOS FUTUROS COMBATENTES DE SELVA

Oriundos de diversas regiões do Brasil e do exterior, com características climáticas diferenciadas, os alunos são submetidos, na primeira semana do curso, a uma série de atividades que visam adaptar o homem ao ambiente amazônico. É a chamada fase de "aclimatação".

Posteriormente, nas bases de instrução no interior da selva, afastadas pelo menos 60 km de Manaus, é desenvolvido um conjunto de sessões teórico-práticas que objetivam tornar os alunos aptos a sobreviver no ambiente hostil da selva, com os recursos que o meio possa oferecer. Passam, depois, por um teste de mais de 120 horas no qual aplicam os ensinamentos em um exercício simulado de sobrevivência, com o máximo de ingredientes de uma situação real. Várias reações são observadas, tanto individuais quanto grupais. O isolamento das equipes (máximo de 10 alunos) submetidas aos rigores do terreno, ao clima, aos animais e insetos e à ausência ou deficiência de alimentos, produzem no homem comportamentos inobserváveis em situação normal.

Vencido o obstáculo da sobrevivência, uma carga intensa de instruções técnicas, com caráter eminentemente prático, é levada a efeito durante três semanas. Tem a finalidade de adaptar os conhecimentos técnicos, aprendidos nas escolas de formação, às peculiaridades da selva. Entre as instruções ministradas nesta fase, destacam-se: manuseio e emprego de explosivos, rastreamento, armadilhas antipessoal, orientação e navegação, técnicas de rapel para transpor obstáculos verticais, embarcações, motores de popa, armamento e tiro, embarque e desembarque de embarcação em movimento, instruções com helicópteros (rapel, extração vertical, "hellocasting"), meios auxiliares de flutuação, tiros de ação reflexa e técnica aeromóvel (embarque e desembarque, lançamento de pára-quedas improvisados, etc).

Inicia-se a fase de operações. É a etapa mais importante do curso. Os alunos já ambientados à selva (fase de sobrevivência) e com os conhecimentos técnicos reciclados e adaptados (fase técnica), são adestrados para a chefia e liderança de tropas. Uma forte pressão psicológica é exercida sistematicamente pelos instrutores, substituindo a existência de um inimigo real e contribuindo para a criação de um clima de tensão adequado aos objetivos gerais do curso.

É um verdadeiro teste de perseverança e capacitação profissional. Os alunos são orientados e avaliados no comando de operações aeromóveis (aero e helitransportadas), ribeirinhas, motorizadas, contra forças irregulares e convencionais. Para tal, empregam helicópteros (Super Puma e Esquilo do 7º/8º GAv) e aviões (Búfalo e Bandeirante do 1º/9º GAv) da FAB, navios-patrulha fluviais (NAPA-FLU) e embarcações de desembarque de viaturas e pessoal (EDVP) da Marinha do Brasil, balsas e lanchas leves de reconhecimento e assalto do próprio CIGS, além de suas viaturas para os deslocamentos terrestres.

Buscando atender ao princípio do realismo nas operações de combate que desenvolve, o CIGS tem dado ênfase ao emprego de munição real. O efeito obtido é o melhor possível, aproximando ao máximo os exercícios simulados das situações reais que poderiam ocorrer no ambiente operacional amazônico. Os alunos aprendem a controlar o medo, ao mesmo tempo que verificam que é fundamental a coordenação e o controle dos fogos, para evitar a ocorrência de acidentes. Entre outros armamentos, o futuro especialista em operações na selva tem a oportunidade de empregar: o FAL (Fuzil automático leve), o Pára-FAL, o FAP (Fuzil automático pesado), as metralhadoras (BERETA, MAG e URU), os morteiros (60mm e 81mm), o lançador de granadas M79, as granadas de bocal antipessoal e anticarro, etc.


Água e floresta – duas constantes no dia a dia do combatente de selva


Instrução de armadilhas

OUTRAS ATUAÇÕES

Paralelamente, o CIGS tem sido chamado a colaborar em diversos episódios importantes da vida regional e nacional. Dentre outros, destacam-se os seguintes:

– segurança da fronteira BONFIM/RORAIMA – 1969;

– localização e resgate de aeronaves sinistradas (trabalho com a FAB);

– treinamento de equipes constituídas para ações de defesa interna;

– procura e resgate de pessoal extraviado na selva;

– participação em projetos científicos pioneiros no desenvolvimento da vacina contra a LTA (Leishmaniose Tegumentar Americana), em conjunto com o INPA (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia).

SELVA!



Imóvel.
Para quem exige segurança em qualquer tempo.



Es Eq Ex



HISTÓRICO

A ESCOLA DE EQUITAÇÃO DO EXÉRCITO (Es Eq Ex) tem suas origens na Portaria de 20 Abr 22 que criou os Centros de Instrução do Exército, prevendo, para a Arma de Cavalaria, entre outros cursos, o Centro de Oficiais Instrutores de Equitação. Sob a direção do Cmt Gippon, pertencente à Missão Militar Francesa, este Centro tinha por objetivo formar um núcleo de oficiais instrutores de equitação capaz de transmitir, nas escolas e corpos de tropa, regras uniformes de equitação.

Ostentou sucessivamente as denominações de Núcleo de Adestramento de Equitação (1924) e Curso Especial de Equitação (1928).

Finalmente, em 1954, passou a chamar-se Escola de Equitação do Exército, nome pelo qual é conhecida até hoje.

INSTALAÇÕES

Localizada no bairro do Realengo (Rio de Janeiro-RJ), a Escola orgulha-se de ter mantido ao longo dos anos a fidelidade arquitetônica dos próprios nacionais a ela confiados. Suas dependências foram melhoradas e adaptadas e hoje o Estabelecimento de Ensino está bem dimensionado e estruturado para atender às necessidades de funcionamento.

O picadeiro Lacerda da Gama, importado da Alemanha no início do século, chama a atenção pela forma e beleza de suas imponentes estruturas metálicas. Ali são realizados exercícios que estilizam os saltos naturais do cavalo. Além do Brasil, só a Áustria e a França desenvolvem atividade semelhante.

Para a prática da equitação, a Escola conta com o Campo de Marte. Ocupando uma área de 21.875 m², constitui um dos maiores complexos hípicos do país e possui em seu interior duas pistas de salto gramadas e iluminadas, permitindo a prática de pólo, além de picadeiro de adestramento oficial, pista de "steeple-chase" e quadra desportiva.

Dispõe, ainda, de mais um picadeiro coberto, pista de salto (areia), redondel e pista de distensão, além de um potreiro com 16 baias que permite o sistema de semi-estabulação, destinado à Seção do Pólo.

Duas salas de aula bem equipadas destinadas ao ensino completam suas instalações.

CONTRIBUIÇÃO

A Es EQ Ex é a única no gênero, reconhecida oficialmente no país. Subordina-se à Diretoria de Assuntos Culturais, Educação Física e Desportos, órgão do DEP.

Ao se tratar de Arte Equestre, não se pode deixar de atribuir à Escola o atual estágio em que se encontra a equitação no Brasil. Berço do hipismo, ali abrigou os grandes mestres, resonsáveis pela difusão e evolução do esporte em todas as suas manifestações.

Zelando pela manutenção de uma unidade de doutrina eqüestre e esforçando-se por difundir a equitação, a Escola desenvolve um trabalho de valor inestimável para o Exército Brasileiro, habilitando oficiais e sargentos a exercerem uma ação formadora nos Estabelecimentos de Ensino (AMAN, EsSA e CM) e nos Corpos de Tropa, contribuindo para o desenvolvimento físico e moral da juventude militar e dos quadros.

Pode-se dizer que a Escola vem participando efetivamente da história do hipismo brasileiro, civil e militar, por meio das seguintes realizações:

- uniformização da equitação no Exército;
- difusão e preservação da doutrina eqüestre;
- fixação de uma política equestre de âmbito nacional;
- contribuição na formação dos quadros e da juventude militar;
- revitalização das tradições militares;
- direção dos órgãos de mais alto nível do esporte, do hipismo e do fomento à criação nacional;
- seleção e treinamento de equipes;
- planejamento, organização e julgamento de eventos hípicos;
- integração com o meio civil por meio da prática desportiva; e
- estímulo à criação nacional.

ENSINO

Os cursos da Es Eq Ex obedecem à sistemática de ensino do Exército e estão abertos a civis (homens e mulheres), oficiais e sargentos das PM e a militares de nações amigas.

Atualmente, são ministrados os cursos de Instrutor de Equitação e de Especialização S-28 – Equitação.

Os cursos são ministrados em regime de expediente integral e possuem extensa carga horária, incluindo matérias como adestramento, salto, concurso completo de equitação, pólo, saltadores, hipologia, psicologia e didática, dentre outras.

Os alunos participam de eventos esportivos, seja nas funções de organização e direção, seja como concorrentes.

Recebem, também, noções mais abrangentes que incluem participações em clubes e círculos, em haras e ainda, na terapia de apoio a deficientes físicos e mentais.

Finalmente, é oportuno destacar que a Escola de Equitação do Exército, pelo valor que encerra em termos de patrimônio histórico-cultural e pelo complexo educacional-desportivo desenvolvido ao longo de mais de seis decadas, assume papel altamente significativo para a comunidade hípica civil e militar.

A equitação, nos padrões atingidos pelo Exército, aliada ao excelente desempenho de seus animais produzidos na Coudelaria de Rincão (RS), coloca a Escola em posição privilegiada e seus efeitos se fazem sentir na qualidade do ensino ministrado e nos resultados obtidos em eventos de expressão nas variadas modalidades do esporte eqüestre.



CENTRO DE INSTRUÇÃO PÁRA-QUEDISTA/GPB

HISTÓRICO

O Centro de Instrução Pára-quedista General Penha Brasil tem sua origem no Corpo de Alunos do Núcleo de Formação de Pára-quedistas, criado pelo Dec Lei nº 8.444, de 26 Dez 45 e instalado na Biblioteca da Diretoria de Material Bélico, no antigo Distrito Federal, hoje capital do Estado do Rio de Janeiro.

Em 20 de setembro de 1946 foi instalado no Pavilhão da extinta 3ª Bia do 1/1º RAAAe.

Em 07 de janeiro de 1949 instalou-se na Colina Longa, onde permanece até hoje, tendo sua denominação modificada para Corpo de Alunos Pára-quedistas da Escola de Pára-quedistas.

Em 10 de janeiro de 1951 transforma-se em Departamento de Instrução de Pára-quedistas.

Em 19 de janeiro de 1953 foi extinta a Escola de Pára-quedistas e o Departamento de Instrução de Pára-quedistas passou a denominar-se Departamento de Instrução Técnica do Núcleo da Divisão Aeroterrestre.

Em 13 de março de 1953 transformou-se em Centro de Instrução Especializada Aeroterrestre.

Em 30 de maio de 1967 recebeu a denominação de Centro de Instrução Especializada Aeroterrestre General Penha Brasil.

Em 11 de janeiro de 1972 teve sua denominação mudada para **CENTRO DE INSTRUÇÃO PÁRA-QUEDISTA GENERAL PENHA BRASIL (CIPqdtGPB)**, que permanece até hoje.

Em 1º de janeiro de 1986, o CIPqdtGPB passou a possuir uma ligação de nível técnico com o Departamento de Ensino e Pesquisa (DEP), vinculando-se ao Departamento através da Diretoria de Especialização e Extensão (DEE), na área de ensino e pesquisa.

ATIVIDADES

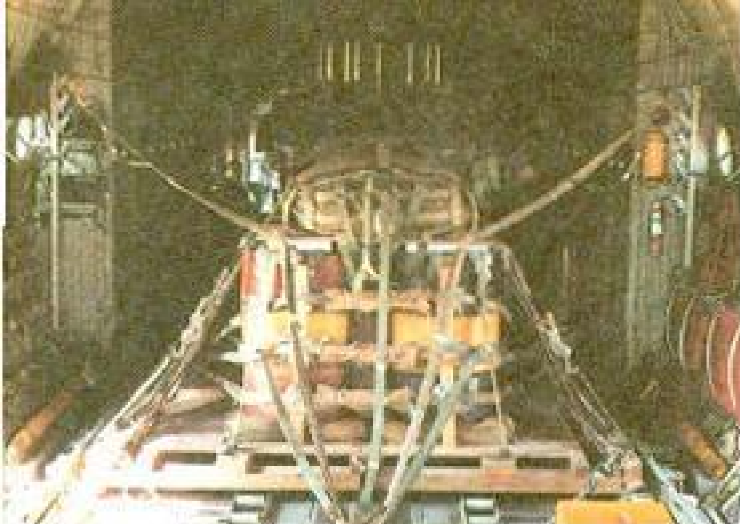
Situado na guarnição da Vila Militar do Rio de Janeiro-RJ, o CIPqdtGPB é a unidade-escola da tropa pára-quedista, subordinado à Grande Unidade Pára-quedista do Exército — a Brigada de Infantaria Pára-quedista.

O apoio aéreo é prestado pela V Força Aérea Estratégica (V FAE), da Força Aérea Brasileira, sediada em AFONSOS-RJ.

A V FAE opera com aeronaves C-115 (Búfalo), C-130 (Hércules) e mais recentemente, com os C-95/A (Bandeirante) de fabricação nacional.

O CIPqdtGPB é uma organização militar que tem por finalidade ministrar cursos e estágios visando à formação, especialização e extensão do pára-quedista militar, e ainda, pesquisar e desenvolver técnicas e processos de lançamento de pessoal e de material com pára-quedas.

O CIPqdtGPB forma os voluntários à tropa pára-quedista, proporcionando-lhes condições físicas, psíquicas e técnicas para a realização do salto de aeronave militar em vôo e para o desempenho de funções como combatente pára-quedista.



Carga pesada embarcada pelo Curso de DOMPSA na aeronave C-130 (Hércules) pronta para lançamento



Equipe de saltadores livres realizando um trabalho relativo

CURSOS E ESTÁGIOS

O CIPqdtGPB tem a seu cargo a realização dos seguintes cursos e estágios:

1. **Curso Básico Pára-quedista** (Especialização – oficiais); **CEsp S 37 – Pára-quedismo** (Especialização – subtenentes e sargentos); e **Estágio Básico Pára-quedista** (Qualificação – cabos e soldados).

Destinado a habilitar militares de diferentes postos e graduações para o desempenho dos cargos constantes dos Quadros de Organização das unidades da Brigada de Infantaria Pára-quedista, exceto daqueles que necessitam de mais de uma habilitação para serem preenchidos, capacitando-os a realizar o salto de aeronave militar em vôo, com pára-quedas, visando seu emprego operacional.

2. **Curso de Mestre-de-Salto** (Extensão – oficiais, subtenentes e sargentos) e **Estágio de Mestre-de-Salto** (Extensão – oficiais R2 e sargentos temporários).

Destinado a habilitar oficiais, subtenentes e sargentos pára-quedistas militares para o desempenho das funções de Mestre-de-Salto de avião ou de equipe, auxiliar de Mestre-de-Salto (avião ou equipe), Operador de Interfone de aeronaves e Auxiliar de Operador de Interfone, capacitando-os a realizar o lançamento de pessoal e material de uma aeronave militar em vôo, na vertical da letra código ou na luz verde e de desempenhar a função de instrutor do Curso Básico Pára-quedista e do Curso de Mestre-de-Salto do CIPqdtGPB.

3. **Curso de Dobragem, Manutenção de Pára-quedas e Suprimento Pelo Ar** (Especialização – oficiais) e **C Ext S 07 – Dobragem, Manutenção de Pára-quedas e Suprimento Pelo Ar** (Extensão – subtenentes e sargentos).

Destinado a habilitar oficiais, subtenentes e sargentos do Serviço de Intendência, pára-quedistas militares e possuidores do curso de Mestre-de-Salto, ao preenchimento dos diversos cargos específicos, previstos em efetivos do Batalhão DOMPSA, do 1º Batalhão de Forças Especiais, do 20º Batalhão Logístico Pára-quedista e do CIPqdtGPB, capacitando-os a:

– planejar o apoio à Bda Inf Pqdt a fim de proporcionar o recebimento, inspeção, dobragem, armazenamento, manutenção e distribuição do material aeroterrestre;

– comandar o lançamento de suprimento de aeronave militar em vôo;

– supervisionar tecnicamente o preparo de cargas realizado por outras unidades e de cargas leves e médias no interior da cabeça-de-ponte aérea;

– prestar apoio técnico a todas as unidades integrantes da Bda Inf Pqdt, durante os aprestamentos e em realização de operações aeroterrestres;

– realizar inspeções técnicas, antes dos saltos, nos equipamentos distribuídos; e

– realizar testes, pesquisas e estudos técnicos no material aeroterrestre, visando ao aperfeiçoamento do mesmo e dos sistemas empregados no lançamento e suprimento pelo ar.

4. **Curso de Precursor Pára-quedista** (Especialização – oficiais) e **C Ext S 05 – Precursor Pára-que** (Extensão – subtenentes e sargent

Destinado a habili ...iais, subtenentes e sargentos pára-quedistas militares, possuidores do Curso de Mestre-de-Salto, para os cargos de precursor pára-quedista, capacitando-os a executar o lançamento sem ponto materializado no solo, operar zonas de lançamento, operar zonas de pouso de aviões, operar zonas de pouso de helicópteros e atuar como guia aéreo avançado.

5. **Curso de Ações de Comando** (Especialização – oficiais) e **C Esp S 36 – Operações de Comando** (Especialização – subtenentes e sargentos).

Destinado a habilitar oficiais, subtenentes e sargentos ao desempenho da função de combatente comandos, comandando ou integrando uma fração operacional de comandos do Exército Brasileiro.

Ações de Comando são operações de combate com objetivos táticos que visam a destruir, a retardar e desorganizar forças inimigas ou a obrigá-las a manter uma parcela importante de seus efetivos de combate na retaguarda, para prover segurança aos seus órgãos, instalações e pessoal. Estas operações incluem: golpes de mão ou incursões; ataques a pontos sensíveis ou acidentes capitais; interdição de eixos de comunicações ou de áreas; resgate de pessoal e de material; e apoio a operações convencionais.

6. **Curso de Forças Especiais** (Especialização – oficiais) e **C Ext S 04 – Forças Especiais** (Extensão – subtenentes e sargentos).

Destinado a habilitar oficiais, subtenentes e sargentos pára-quedistas militares, possuidores do Curso de Ações de Comandos, ao exercício de funções relacionadas com as atividades de Forças Especiais.

Estas atividades são operações de guerra irregular desenvolvidas em área conflagrada ou não, dentro ou fora do país, prioritariamente com objetivo estratégico, cuja consecução é de médio ou longo prazo. Tais operações podem ocorrer em presença de amigos e ou inimigos, internos ou externos.

7. **Estágio Básico de Salto Livre** (oficiais, subtenentes e sargentos).

Destinado a habilitar os oficiais, subtenentes e sargentos pára-quedistas militares à realização do salto livre militar.

8. **Estágio Avançado de Salto Livre** (oficiais, subtenentes e sargentos).

Destinado a habilitar os oficiais, subtenentes e sargentos saltadores livres ao desempenho do cargo de Mestre-de-Salto Livre.

9. **Estágio de Transporte Aéreo** (oficiais, subtenentes e sargentos).

Destinado a habilitar oficiais, subtenentes e sargentos à realização do planejamento e execução de uma operação de transporte aéreo de pessoal e/ou material.

OPERAÇÃO GUAVIRA

4ª Fase - 1989 - Manobra com Tropa no Terreno

O Exército Brasileiro, a Marinha de Guerra do Brasil e a Força Aérea Brasileira realizaram, no período de 09 a 13 de outubro de 1989, a 4ª Fase do Exercício de Grande Comando do CMO – OPERAÇÃO GUAVIRA. Simultaneamente, a FAB realizou o seu Exercício de Grande Expressão – o OPERAER/89, utilizando-se do mesmo quadro tático-estratégico da manobra da Força Terrestre.

O Exercício foi realizado de acordo com o que prevêem as Diretrizes Gerais do EME para o período 1984/1989, a Diretriz Particular para o 1º Exercício de Grande Comando do CMO, também do EME, além das alterações introduzidas nas DGI, no decorrer do período.

A missão, os objetivos e os meios utilizados pelo G Cmdo foram os preconizados no Planejamento Operacional da Fronteira Terrestre Ocidental, para a Situação de Emergência 1.

A região de operações comportou três cenários distintos, com uma faixa a defender da ordem de 800 km.

O cenário chamado Ocidental teve como elemento de manobra a 18ª Brigada de Infantaria de Fronteira, com o seu Posto de Comando (PC) desdobrado na Região de São Domingos, 30 km ao sul de Corumbá. Nesse cenário, houve a participação conjunta das três Forças Singulares, em operações de escolta a uma Força Ribeirinha, estabelecimento de uma Base de Combate Flutuante, conquista de uma ZRT (Zona de Responsabilidade Tática), conquista e manutenção de objetivos, inclusive por assalto aeromóvel.

O Cenário Central foi ocupado pela 3ª Brigada de Infantaria Motorizada, do CMP, que se deslocou para a área do CMO mediante o cumprimento de um complexo programa de concentração estratégica. Com a participação da FAB e do Exército, foram desenvolvidas ações de força de cobertura, acolhimento e defesa de área, com a realização de ações dinâmicas apoiadas por tiro real de Força Aérea, de Morteiro Pesado 4.2 e de Artilharia de Campanha 105mm. O PC da Bda foi instalado na Região de Retiro Figueira e a Grande Unidade como um todo se instalou no Campo de Instrução de Betione.

No cenário Sul desenvolveram-se as ações da 4ª Brigada de Cavalaria Mecanizada, com o PC em Granja União, 40 km de Ponta Porã-MS. As operações tiveram início com o lançamento de uma Força-Tarefa valor Batalhão de Infantaria Pára-quedista, para a conquista e manutenção de uma cabeça de ponte aérea, seguida das operações de junção a cargo do 20º Regimento de Cavalaria Blindado, orgânico da 4ª Bda C Mec e substituição pelo 44º BI Mtz que, por planejamento, integrou a 4ª Bda C Mec. Foram desenvolvidas, também nesse cenário, ações de contra-ataque da reserva da Brigada e tiro real de Artilharia de Campanha 105mm.

Além da 3ª Bda Inf Mtz, o CMO contou com o emprego de elementos do 1º Batalhão de Forças Especiais, através de dois Destacamentos Operacionais de Forças Especiais e de um Destacamento de Ações de Comandos. Contou também com o emprego de um expressivo contingente do 1º Batalhão de Comunicações Divisionário, que, além de operar quatro Centros de Comunicações de Comando, instalou, em caráter experimental, um SISCAD (Sistema de Comunicações por Área Divisionário).

A OPERAÇÃO GUAVIRA desenvolveu, também, o funcionamento da estrutura logística de apoio às operações táticas, conforme as Diretrizes emanadas do EME. Assim, mediante o planejamento, a coordenação e o controle do COLOG/ZA (Comando Logístico de Zona de Administração), foram operadas Bases Logísticas em Campo Grande-MS (Ba Log R), Maracaju-MS (Ba Log A) em apoio ao Cenário Sul e em Aquidauana-MS (91º Gpt Log A) em apoio às tropas dos Cenários Central e Ocidental e às da própria 9ª Divisão de Exército (FTTOT). Foi testada a estrutura de apoio na Zona de Administração e na Zona de Combate, com o manuseio de grandes quantidades de suprimento, sendo que o de Classe 1 chegou ao total de 84 toneladas e o de Classe V a 11 toneladas.



O 17º Batalhão de Caçadores em ação no Pantanal

A Força Naval do Teatro de Operações Terrestre (FNTOT) foi organizada com os meios do 6º Distrito Naval de Ladário-MS e de representantes dos diversos Comandos da Marinha. Designou oficiais para os Estados-Maiores Combinados, a fim de desempenharem os encargos de Oficiais de Ligação Naval para a JTTOT (Junta de Transporte do Teatro de Operações Terrestre) e, finalmente, para as necessidades operacionais, constituiu a Força-Tarefa 102, destinada a cumprir missões junto à Força Terrestre.

A Força Aérea do Teatro de Operações Terrestre (FATOT) foi organizada em I Força Aerotática, IV Força Aérea de Transporte Aéreo e meios de GE da Diretoria de Eletrônica e Proteção ao Vôo. Designou também oficiais para os Estados-Maiores Combinados, para os encargos de Oficiais de Ligação Aérea e para a JTTOT.

O efetivo dos participantes da 4ª Fase chegou a 8.717 militares, sendo 992 oficiais, 1.886 subtenentes e sargentos e 5.839 cabos e soldados, considerados os integrantes do CMO e os elementos já citados, além de outros do EMFA, da Diretoria de Informática, da Diretoria de Material de Comunicações e Eletrônica, da IMBEL e oficiais instrutores e alunos do 2º ano da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército.

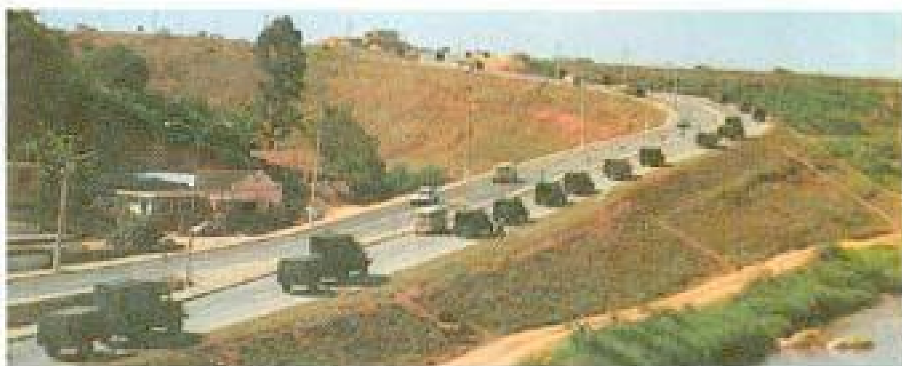
Em se tratando de equipamentos, foram empenhados na Operação cerca de 12 navios e/ou embarcações do 6º Distrito Naval, 88 aeronaves da FAB e 782 viaturas do Exército.

Durante o período de concentração na área e, particularmente, nas cinco jornadas destinadas às operações, desenvolveram-se várias operações táticas e logísticas, com uma intensa participação das três Forças do Teatro de Operações, buscando agilizar as ligações e, em conseqüência, aumentar a eficiência no cumprimento de todas as missões.

No dia 13 Out 89, no Cmdo do CMO, procedeu-se à crítica final da OPERAÇÃO GUAVIRA, tendo como assistentes 230 oficiais das três Forças e contando com a exposição de um oficial representante de cada uma delas. Na seqüência, foram proferidas palavras do Comandante Militar do Oeste e da mais alta autoridade presente, Maj Brig José Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, estas últimas a título de encerramento.



Atuação do 9º GAC em sua missão de Apoio Geral à 4ª Bda C Mec



Aspecto do deslocamento da 1ª B Com Div durante a Operação

A OPERAÇÃO GUAVIRA, apesar de sua complexidade, proporcionou aos diversos participantes a coleta de uma série de ensinamentos, seja de natureza doutrinária, seja de natureza prática, todos de grande significado para a montagem de exercícios futuros.

Dos ensinamentos colhidos cabe mencionar:

— a permanente necessidade de aperfeiçoamento das nossas comunicações, no sentido de aliar à rapidez e à segurança necessárias às ligações, o competente treinamento dos operadores de meios e usuários do sistema;

— a imprescindibilidade do SISFIX e dos sistemas de comunicações civis como meios complementares ao SISCAM implantado;

— a importância do trabalho combinado ou conjunto entre as três Forças Singulares, em ações de natureza tática ou logística, pela capacidade de se somarem os esforços no sentido do cumprimento da missão recebida;

— a necessidade imperiosa de repetirmos exercícios conjuntos e/ou combinados entre Exército, Marinha e Aeronáutica, a despeito da persistente carência de recursos para esse fim, em face dos benefícios obtidos com a sua realização.

Coerente com esse pensamento, o Comando Militar do Oeste já iniciou o lançamento das bases para o planejamento e montagem do 2º Exercício de Grande Comando do CMO — período 1991/1993 — OPERAÇÃO GUANANDI.

MASTRO TELESCÓPICO PNEUMÁTICO



Vista do Mastro de 12 metros na posição de trasporte em viatura Militar



Vista do Mastro de 12 metros na posição de içamento junto da viatura Militar.



Vista do Mastro de 17 metros recolhido, montado em solo, pronto para içamento.



Vista do Mastro de 17 metros totalmente içado.

PRODUTOS MILITARES

- Mastros
- Shelters
- Compressores Portáteis
- Dispositivos Mecânicos de Elevação
- Infra-Estrutura Elétrica e Mecânica p/ Sistemas de Comunicações



S. B. F. INDÚSTRIA MECÂNICA LTDA.

Rua Andaraí, 67 - Vila Floresta - Santo André - São Paulo
Brasil - CEP 09050 - Tel. (011) 449-5044
Telex 1146440 SBFT BR

DONA VILMA E O DIA DO SOLDADO

Cheguei cedo. A festa estava marcada para as 10 horas e, quando saí do meu fusquinha, vi bem no grande relógio do Corpo-da-Guarda: nove e meia.

Não precisava desta antecedência, eu sei. Aliás, nem mesmo comparecer era obrigatório. O Coronel Álvaro dissera, na reunião dos funcionários civis: "Vocês também estão convidados, é claro, para a Formatura do Dia do Soldado. Ninguém vai ficar "*cobrando*" a sua presença, mas ela nos dará muito prazer".

Como deixar de ir, no entanto? O filho mais velho da Lélia, o Paulo, meu sobrinho predileto (cá entre nós) conseguiu mesmo mexer comigo!

Não é que o garoto foi servir ao Exército justamente no quartel onde a tia trabalha há... exatos dezenove anos!?

Este ano, estive em todas. Ele merece.

Foi com muita emoção que o vi ser homenageado no dia da apresentação da Bandeira. Estremeci quando o Major Lira, da 1ª seção, anunciou todo empolgado: "O Comandante do Batalhão, Cel Álvaro Braga, fará a entrega do distintivo de bolso ao recruta que mais se destacou nesta fase da instrução, soldado Paulo Freitas".

Ainda bem que, ontem à tarde, o Tenente Délio me dispensou para assistir ao jogo de futebol. Não dá prá entender: o Paulinho era franzino e tímido, agora é um "zagueirão".

O time dele não ganhou mas, que importa? Eu o vi jogar (e bem) e contei tudo para a Lélia. Pobre irmã, sempre envolvida com as aulas.

Nossa! Já são quase 10 horas! Estou aqui absorvida em meus pensamentos e nem notei o tempo passar.

Puxa, quanta gente! O pessoal prestigiou mesmo.

. . . .

— Canto do Hino Nacional.

Há quanto tempo não ouvia o Hino assim cantado com tanta vibração. "Me" lembra a minha escola primária. Aqui só tem mais gente, mas a emoção é igual. Bons tempos.

— Vamos, tia Vilma, a formatura já acabou. O Capitão Jurandir está chamando para uma confraternização, lá na 3ª. Não vai querer ficar batendo documento hoje, não é? A sua seção está até fechada.

E deixo-me levar. No pátio, sou abraçada por um monte de gente. Desde o Coronel, até os colegas do Paulo, passando pelo Tenente Délio ("Délio, o velho" — esse pessoal é mesmo gozador!), o Sargento Alves ("caxias" até no nome), o "seu" Antônio, nosso competente Chefe do Pessoal Civil.

É... o quartel é mesmo uma família.

Chego à 3ª, "a Pioneira". Descubro mais uma coisinha: cada Companhia também é uma família.

Bom, 25 de agosto já se foi. Agora é esperar pelo 7 de setembro. Mais uma "*pauleira*" no coração.



Foto: 2º Sgt Rozemberg Alencar Viana

A expressão do Soldado Janes, captada com extrema sensibilidade, valeu ao autor da foto o 2º lugar no Concurso de Fotografias/89 do CCOMSEX e inspirou o presente texto à redação da V.O.

A NAVAMAER



O PORQUÊ

A integração das três Forças Armadas nos magnos problemas militares que estruturam a Segurança Nacional é a linha mestra da orientação geral das atividades do EMFA.

O desporto, promovendo a aproximação das entidades, é um apreciável criador de conhecimento e de amizade entre os povos das mais diversas raças, religiões e credos políticos. Por isso, vemos nele um ponderável fator favorável à consecução dos elevados objetivos de integração das Forças Armadas do Brasil.

Nada mais oportuno do que a promoção de competições esportivas entre as Escolas de Formação de Oficiais como início de conhecimento e amizade de nossos futuros chefes militares que, mais adiante, serão chamados ao cumprimento de importantes missões conjuntas.

AS ORIGENS

As competições entre as Escolas de Formação de Oficiais tiveram sua origem na "Taça Lage", troféu instituído pelo patrono da família Henrique Lage, para disputa entre a Escola Naval e a Escola Militar.

Em 1941, com a criação do Ministério da Aeronáutica, os Cadetes-do-Ar juntaram-se aos seus colegas de terra e de mar nesta grandiosa festa de confraternização através dos desportos.

No dia 26 Dez 62, o então Presidente da Comissão de Desportos das Forças Armadas, Gen Bda Floriano Machado, através de ofício, informava aos Comandantes das Escolas que, a partir daquela data, estava adotada a sigla **NAVAMAER** para caracterizar as competições realizadas entre cadetes e aspirantes. A sigla significa:

NAV: Escola Naval

AM: Academia Militar das Agulhas Negras

AER: Escola de Aeronáutica (atual Academia da Força Aérea)

As competições entre as Escolas foram interrompidas por 4 (quatro) vezes: 1963, de 1968 a 1973, 1981 e 1984.

A NAVAMAER HOJE

Atualmente, cerca de 230 (duzentos e trinta) medalhas são disputadas anualmente por 530 atletas das três Forças, em 10 modalidades desportivas.

Abaixo, apresentamos o quadro de vencedores da competição, por modalidade, a partir de 1982.

ANO	ATL	BASQ	ESG	FUT	JUDÔ	NAT	PENT	PÓLO	TIRO	VOL
XVII – 82	AMAN	EN	AMAN	EN	EN	EN	AMAN	EN	AMAN	AMAN
XVIII – 83	AMAN	AMAN	EN	AMAN	EN	EN	AFA	AMAN	AMAN	AFA
XIX – 85	AMAN	AMAN	EN	AMAN	AFA	EN	AFA	EN	AMAN	AMAN
XX – 86	AMAN	EN	AMAN	AMAN	AFA	EN	AMAN	EN	EN	AMAN
XXI – 87	AMAN	EN	AFA	AFA	EN	EN	AMAN	EN	EN	AMAN
XXII – 88	AMAN	EN	EN	EN	AFA	AFA	AMAN	EN	AMAN	AMAN
XXIII – 89	AMAN	EN	AFA	AMAN	AMAN	AFA	AMAN	AFA	AMAN	AMAN

DIRETORIA DE PESSOAL CIVIL

HISTÓRICO

Vamos encontrar as raízes mais remotas da Diretoria de Pessoal Civil na última década do século XVIII, pois desde aquela época, como consta de relatos históricos, já havia numerosos contingentes civis em atividade nas Fábricas, Arsenais, Depósitos e em outras Organizações Militares, na maioria operários contratados para prestação de serviços eventuais.

A Guerra do Paraguai (1865-1870) trouxe como conseqüência administrativa a imediata necessidade de ampliar a mão-de-obra civil para atender às imperiosas demandas bélicas e logísticas do estado de guerra.

Terminado o conflito, veio a República, trazendo consigo profundas alterações na vida político-administrativa do País, entre elas a organização do Serviço Público existente, criando-se, assim, em 1909, a **DIVISÃO DO EXPEDIENTE** para controlar as atividades funcionais de civis e militares do Exército, indistintamente. Lá estava o embrião, a origem de fato da Diretoria de Pessoal Civil.

Aquela **DIVISÃO DO EXPEDIENTE**, depois de seguidas adaptações às exigências das épocas, atingiu a presente organização ao ser instalada oficialmente a 13 de setembro de 1971, estruturando-se, no âmbito do DGP, como órgão técnico-normativo, e, no sistema de Pessoal Civil da Administração Federal-SIPEC, como Órgão Setorial.

ATIVIDADES DE ROTINA

A DPC desenvolve um conjunto de rotinas necessárias ao funcionamento harmônico das Organizações Militares, pertinentes aos vários aspectos da Administração dos Recursos Humanos Civis, que vão do recrutamento às aposentadorias e pensões. Dentre estas, destacamos as que dizem respeito a:

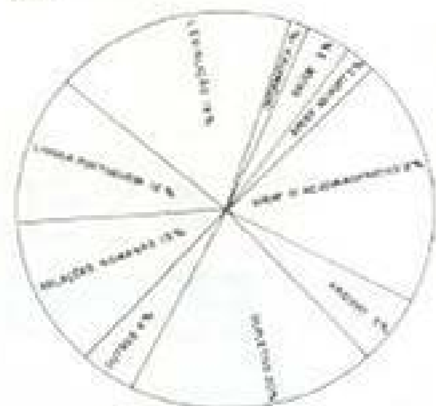
Mobilidade

Observando-se, prioritariamente, o interesse da Administração, os servidores civis podem ser "movimentados" (celetistas) ou "transferidos" (estatutários), o que, em ambos os casos, implica mudança para outro Ministério; podem, também, ser "removidos", simplesmente, de uma OM para outra. Essa mobilidade, no entanto, vem sendo prejudicada, em face da carência de pessoal que se verifica atualmente.

Capacitação

Cumprindo as Diretrizes da Política de Pessoal do Governo Federal, a DPC vem fornecendo meios e coordenando a realização de cursos e estágios em todas as RM, os quais visam a atender todos os segmentos dos Recursos Humanos Civis, tendo como objetivos a motivação e a valorização do servidor e, ao mesmo tempo, oferecer condições para que cada um desempenhe com maior eficiência e eficácia suas atribuições funcionais.

Nos dois últimos anos, foram beneficiados mais de 2.000 servidores (15% do total), selecionados de áreas cognitivas ou de Categorias Funcionais que revelaram maior carência de treinamento ou aperfeiçoamento, segundo levantamentos realizados, conforme ilustração a seguir:





Cursos para funcionários da área de inativos e pensionistas

Proventos e Pensões

Dentre as rotinas administrativas realizadas pela DPC, a que, no momento, vem apresentando maior volume de trabalho é a revisão dos proventos de todos os servidores inativos, independente de solicitação; procura-se, assim, cumprir, no mais curto prazo possível, os novos preceitos constitucionais, que permitem, agora, que os inativos tenham proventos, às vezes, superiores aos de seus pares em atividade, o que lhes vedava a Constituição anterior.

Embora o pagamento das pensões devidas às viúvas de ex-servidores seja encargo do INPS e do Ministério da Fazenda, é na DPC que se efetiva o estudo dos milhares de processos que pleiteiam melhoria ou reajuste daqueles benefícios.

Promoções

Os servidores civis concorrem à promoção duas vezes por ano (março e setembro), através das "progressões horizontal e vertical". Além dessas progres-

sões, há também o processo da Ascensão Funcional em que, mediante concurso, ocorre a promoção do servidor de uma Categoria Funcional para outra, desde que satisfeitas as condições exigidas.

Nota Informativa

Com a finalidade de servir de veículo de comunicação entre a DPC e os servidores civis lotados em todas as RM, vem sendo distribuída, mensalmente, uma Nota Informativa elaborada com o elenco dos assuntos de interesse do pessoal, publicados no D.O.U., e, também, com informações e destaques sobre as matérias em estudo ou em andamento no âmbito da Diretoria, que requeiram conhecimento das SRPC ou do próprio pessoal.

INFORMATIZAÇÃO

A fim de atender de forma oportuna às demandas de serviço, a DPC vem dando especial ênfase ao desenvolvimento da informatização de seus trabalhos, tanto para uso externo, como na emissão de ofícios, apostilas, abonos provisórios e outros, quanto para otimização das atividades internas.

Espera-se com isso, não só agilizar os trabalhos da Diretoria mas, também, gerar programas aplicativos que possam ser distribuídos às OM possuidoras de microcomputadores, de forma a facilitar seus trabalhos e propiciar uma ligação mais rápida e em linguagem comum com a DPC. Neste campo, estão em andamento os estudos para informatizar o controle da freqüência, a ser realizado inicialmente na DPC e posteriormente, nas OM.

A SEÇÃO DE INSTRUÇÃO ESPECIAL DA AMAN (SIEsp)

Um adestramento bem feito capacita o Exército a cumprir sua missão constitucional com eficiência. Toda oportunidade deve ser aproveitada para o adestramento do cadete, seja individualmente ou no trabalho de equipe, visando o seu preparo para os rigores do campo de batalha e/ou para o futuro treinamento dos seus comandados.

UM POUCO DE SUA HISTÓRIA

A Academia Militar das Agulhas Negras, no período de 1964 a 1967, modernizou profundamente a área de ensino. O curso foi ampliado de três para quatro anos, introduziram-se novas matérias no ensino fundamental e buscou-se a atualização e dinamização do ensino profissional.

A instrução militar sofreu diversas modificações: o cadete passou a estagiar nos corpos-de-tropa, a carga horária destinada às manobras e exercícios no terreno foi consideravelmente ampliada, armamentos e viaturas modernas foram recebidos e o uniforme camuflado passou a fazer parte do dia-a-dia acadêmico.

Em 1967, após estudos realizados por uma comissão, o Gen Ariel Pacca da Fonseca, então Comandante da AMAN, decidiu criar o Departamento de Instrução Especial (DIEsp).

Ainda no ano de sua criação, o DIEsp realizou estágios de "Patrulhas" e "Fuga e Evasão" para a Turma "Independência", diplomada em 1967 e logo a seguir para a Turma "Humaitá", em 1968.

Pouco tempo depois, o Departamento tornou-se Seção de Instrução Especial (SIEsp).

Em seus vinte anos de existência, a SIEsp já realizou cerca de 180 estágios em proveito do Corpo de Cadetes, contribuindo de forma marcante na formação profissional de várias gerações de Oficiais do Exército Brasileiro.

MISSÃO E OJBETIVOS

A SIEsp tem por missão planejar e aplicar Estágios de Instrução Especial para os cadetes. Eventualmente, atende a pedidos de cooperação de instrução de outras Unidades.

Atualmente, são realizados os seguintes estágios, distribuídos pelos 4 anos do curso da AMAN:

– 1º ano – Técnicas Especiais e Sobrevivência;
– 2º ano – Montanhismo Militar;
– 3º ano – Operações Especiais; e
– 4º ano – Contra-Guerrilha.

Os objetivos gerais dos estágios são os que se seguem:

– desenvolver no cadete atributos de sua personalidade militar;
– levar o futuro oficial a reconhecer



Instrução de tiro noturno

os limites de sua capacidade, resistência e rusticidade, de modo que ele conclua, baseado em sua própria experiência, sobre o que poderá exigir de si mesmo e de seus futuros subordinados em campanha; e

— fornecer ao futuro tenente um conjunto de conhecimentos sobre "técnicas especiais", que o auxiliem no comando dos Pelotões de Operações Especiais (PELOPES), frações elementares das Forças de Operações Especiais para a Defesa Interna, existentes em praticamente todas as Unidades Operacionais.

Como podemos sentir, os objetivos dos estágios estão voltados e atuam, predominantemente, na área afetiva.

ATRIBUTOS E APTIDÕES DESENVOLVIDAS

Todo profissional militar deve estar apto a enfrentar a maior das adversidades que é a guerra. A Seção está empenhada no sentido de auxiliar os futuros tenentes da ativa do Exército a desenvolver um comportamento adequado em situações de combate.

A guerra moderna, seja regular ou irregular, tem demonstrado que as operações ocorrem descentralizadas. O apoio logístico, pela própria necessidade de dispersão ou devido à ameaça constante da guerra eletrônica, nem sempre chega em tempo útil.

É necessário, então, que sejam formados oficiais com **desenvolvida iniciativa, acentuado espírito de decisão, inabalável estabilidade emocional, imbatível tenacidade, irradiante entusiasmo profissional e esclarecido espírito de cooperação.**

É, principalmente, sobre estes cinco atributos que a SIEsp trabalha, embora em seus estágios também contribua para desenvolver no cadete a coragem, a independência de opinião, a auto-confiança e a liderança.

Outras aptidões também são alcançadas tais como a rusticidade e a resistência a esforços físicos intensos e prolongados.

CARACTERÍSTICAS DOS ESTÁGIOS

Os estágios são conduzidos em clima de acentuada dificuldade, com situações criadas que exijam do cadete a manifestação e a exercitação dos atributos de personalidade.

A dificuldade dos exercícios advém dos seguintes fatores:

— montagem dos estágios em terreno adverso (mata densa ou montanha);

— controle do Sup Cl I e do consumo de água;

— trabalho intensivo, dia e noite, com poucas horas de descanso;

— criação de situações inesperadas para o instruendo;

— presença constante dos instrutores exigindo procedimentos corretos;

— execução de longas marchas, dentro de uma situação tática;

— emprego de munição real e explosivos; e

— exposição do homem a situações que exijam o controle do medo.

Em todos os exercícios montados, a Seção tem uma permanente preocupação com a Segurança, conscientizando, desse modo, o futuro Cmt de Pelotão a não abrir mão dos procedimentos padronizados e das normas de segurança quando comandar a sua fração em situações semelhantes.

Assim, a SIEsp labuta em sintonia com os cursos das Armas, Serviço de Intendência e Quadro de Material Bélico para forjar o oficial capaz de liderar homens nas diversas situações do combate.

**CADETE!
APROVEITE OS
ENSINAMENTOS DA SIEsp**



Transposição de obstáculos por comando "crawl"



Embarque em helicóptero UH-1H

CAPEMI !
30 ANOS PRESTANDO

A Capemi-Caixa de Pecúlios, Pensões e Montepios-Beneficente completa em 1990 trinta anos de fundação. Entidade modelar na atividade de previdência privada do país, a Capemi Pecúlio é líder de mercado entre as sem fins lucrativos. Em sua trajetória de trinta anos, a Capemi Pecúlio já conquistou a confiança de expressiva parcela da sociedade. Ela cuida do futuro das pessoas. Com zelo e competência. Mais de 1 milhão de brasileiros previdentes participam dos seus planos. Com isso, beneficiam e protegem mais de 5 milhões. A cada dia que passa fica bem claro que a estabilidade e o crescimento de todo empreendimento estão direta

Origens

A Capemi Pecúlio nasceu do **Lar Fabiano de Cristo***, uma entidade voltada para a assistência à criança carente em todo o país. Um grupo de pessoas verdadeiramente preocupados com a infância abandonada que vive nos cruéis limites da miséria absoluta, criou, inicialmente, o Lar Fabiano de Cristo, mantido, na época, com recursos pessoais. A obra tomou vulto. Surgiu, então, a idéia, de criação de um pecúlio que, além de oferecer tranqüilidade futura às famílias dos participantes, gerasse recursos à obra assistencial. Como se vê, a Capemi Pecúlio nasceu com a nobre finalidade de servir, procurando, através da reunião de pessoas, formar um grupo unido e forte, capaz de proteger e beneficiar seus participantes. Por isso,* **foi organizada sem fins lucrativos.**

Todo resultado positivo passa a integrar imediatamente o seu patrimônio, dentro do conceito de **utilidade concentrada***, que criou. Para melhor servir, a Capemi Pecúlio partiu da realidade nacional, estudando as necessidades básicas da família brasileira. Para atender a essas necessidades, a Capemi estruturou planos previdenciários e serviços exclusivos capazes de ajudar no dia-a-dia e proteger, no futuro, o homem e sua família.*

Serviços e Benefícios

Desde a fundação, em 1960, milhões de pessoas vêm usufruindo das vantagens e facilidades oferecidas pela Capemi Pecúlio, que vão desde o item **Assistência Financeira** *— destinado a resolver os imprevistos financeiros de forma imediata — até o* **pagamento de benecifícios***, com presteza e velocidade, passando pela* **Rede de Descontos***, que proporciona aos participantes acesso a estabelecimentos comerciais e profissionais liberais, a preços reduzidos. Muita gente já se beneficiou, também, da* **Carteira Imobiliária** *da Capemi Pecúlio, tornando realidade o sonho da casa própria (atualmente está em fase de construção um prédio de apartamentos na Rua Alexandre Ferreira — Jardim Botânico, zona sul do rio).*

O pagamento de benefícios, todavia, é o principal fator que torna a Capemi Pecúlio uma decisão segura. É um compromisso de honra que a entidade cumpre com liquidez e zelo. Uma verdade diária. Mês a mês se multiplica o número daqueles que são alvo dos seus benefícios.

A criança

Entre as muitas ações praticadas pela Capemi Pecúlio, ao longo da sua história, uma se destaca: a ação social. Porque o caso da instituição é com 250 mil crianças situadas ao nível da pobreza absoluta, que já passaram pelo Lar Fabiano de Cristo. São crianças que foram arrancadas das garras da fome, da desnutrição, da doença e da marginalidade por um simples gesto nobre. Um gesto que é repetido todo mês por mais de 1 milhão de participantes, ao pagar sua contribuição que vai garantir um benefício futuro aos entes queridos. Estrategicamente instalacas junto às comunidades mais carentes, as Casas Assistenciais do Lar Fabiano de Cristo criam condições para que milhares de pessoas — crianças e suas famílias — possam ter uma existência dig-



PECÚLIO.
O SERVIÇO AO BRASIL.

e irreversivelmente ligados às necessidades do ser humano. É muito importante oferecer produtos de qualidade e real valor. Mas, só isto não basta. É fundamental que as instituições se integrem às comunidades onde atuam, fazendo retornar a elas parte dos seus ganhos sob a forma de benefícios que proporcionem bem-estar social. Impossível esconder o sentimento de satisfação quando se constata que os fundadores da Capemi Pecúlio já praticavam, em 1960 — por vocação e antevisão — o que hoje se tornou imperioso.

na e sejam úteis e prestantes à sociedade. Como a maior obra social de amparo a necessitados no âmbito da iniciativa privada, o Lar Fabiano de Cristo se orgulha de formar gerações de ex-futuros menores abandonados. Mérito que faz questão de compartir com os participantes de planos previdenciários da Capemi Pecúlio.

O idoso

Mas não é só com a criança desassistida que a Capemi Pecúlio se preocupa. O idoso desvalido também encontra na entidade o desvelo e o cuidado que lhe garantam o inalienável direito ao prazer de viver. E é através de uma outra entidade, a ***Cavadi-Casa do Velho Assistencial e Divulgadora****, que é feito esse trabalho. Palestras educativas, reuniões de confraternização, lazer, trabalhos manuais, incentivo à formação de grupos de produção, obtenção de pensão vitalícia, reformas de moradia, são algumas das técnicas empregadas pela Cavadi para fazer com que o idoso se sinta útil, integrado e querido.*

O futuro

A Capemi Pecúlio é pioneira no sistema de atualização periódica dos benefícios, como forma de impedir a desvalorização do patrimônio do participante. Muito antes do advento da Lei 6435, de 1977, que regula a atividade de previdência privada no país, a Capemi já atualizava seus planos, com base em Resoluções do seu Conselho Técnico.

Nessa época ainda não havia os índices oficiais de reajustamento e as atualizações eram anuais. Com as profundas modificações que ocorreram na economia do país, a partir da aceleração do processo inflacionário mais recentemente, inclusive, a Capemi Pecúlio criou alguns mecanismos de correção, para manter preservados os valores originais dos benefícios contratados. Assim é que, obtiveram excelente resultado, em 1989, o SRB - Sistema de Recomposição de Benefícios, para os planos subscritos antes de setembro de 1981 e o PUB - Programa de Unificação e Aumento dos Benefícios, para os planos colocados a partir de 1982. Em 1990, a Capemi Pecúlio mais uma vez sai na frente. Lança um novo programa, com a mesma preocupação de zelo pelos interesses do Participante: a ***migração*** *vai permitir a passagem dos subscritores dos planos antigos — cerca de 500 mil — para um pecúlio de repartição simples, um plano muito melhor que lhes garantirá sensíveis vantagens na luta sem quartel que a sociedade trava contra a inflação impiedosa e delirante.*

Além de atenuar os efeitos nocivos da inflação, o objetivo do ***Programa Migração*** *é repor os valores desses planos antigos na exata medida da generosa intenção previdenciária original. Aos detentores desses planos —* ***anteriores a setembro de 1981*** *— vale a pena um contato com a Agência da Capemi Pecúlio a que estiver vinculado, para melhor se informar das condições excepcionais para realizar a migração. Afinal de contas, temos absoluta certeza de que a família de cada um merece mais este gesto de amor e devoção.*



DIRETORIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL

HISTÓRICO

Criada por Aviso Ministerial de 14 Out 50, a Comissão Especial do Serviço Social do Exército se instalou em dependências da Secretaria Geral do então Ministério da Guerra.

Em 25 Ago 56, a Comissão foi transformada em Diretoria de Assistência Social, subordinando-se ao DGP.

Nesses quase 40 anos de existência, teve a DAS diversificadas atribuições dentro da concepção mais ampla dada ao termo Assistência Social mantendo sempre sua destinação de servir à família militar.

PRINCIPAIS MISSÕES

Atualmente, as principais missões da DAS estão relacionadas com duas áreas: assistência social e previdência social.

— **Assistência Social**

Esse campo de atuação se volta para o atendimento dos militares, pensionistas e seus dependentes, evitando a ocorrência de um grave desajuste econômico. Para esse fim, utiliza-se de recursos orçamentários e do Fundo do Exército.

O amparo previsto é concedido na forma de Auxílios Financeiros, atendendo as seguintes áreas: saúde, assistência a excepcionais, evacuação médica, trasladação de corpos, funeral, judiciária e sinistro.

As RM, como grande elo executor das atividades de assistência social, concedem parte de tais Auxílios Financeiros, repassando à DAS aqueles que ultrapassam seu limite de competência.

— **Previdência Social**

Criado com a finalidade de complementar os recursos destinados à prestação de assistencia médico-hospitalar, o FUSEx está completando 10 anos de efetivo funcionamento.

Sua existência permite dar tranqüilidade e segurança à família militar no fundamental aspecto do atendimento à saúde, em troca de uma pequena contribuição mensal.

O alcance do FUSEx é sentido com maior intensidade em duas situações: nas guarnições onde não existe Hospital ou Policlínica Militar e na ocorrência de enfermidades de maior gravidade.

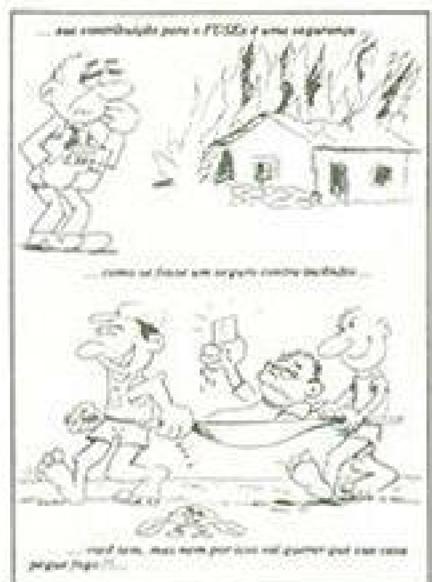
Para a primeira situação, existem cerca de 1.200 Organizações Civis de Saúde contratadas e 2.400 Profissionais de Saúde Autônomos credenciados em todo o Brasil.

Quanto à segunda situação, basta lembrar que a Fundação E.J. Zerbini — INCOR (SP), e Real e Benemérita Sociedade Portuguesa de Beneficência (SP), o Instituto Hilton Rocha — Oftalmologia (MG), a Fundação Antonio Prudente e o Hospital A. C. Camargo — Oncologia (SP), entre outros, têm realizado intervenções de alta sofisticação médica que, isoladamente, a maioria dos militares não teria condições de arcar com as despesas.

O caso a seguir é um exemplo bastante ilustrativo:

Em Ago 89, um capitão precisou colocar uma ponte-de-safena. Realizada a evacuação médica, internou-se na mais afamada clínica do país. A intervenção foi um sucesso e o militar passou cerca de uma semana baixado. Mas o melhor de tudo foi a conta hospitalar e a forma de pagamento — NCz$ 3.728,12 em 37 prestações fixas e irreajustáveis de NCz$ 100,76.

Se não fosse atendido pelo FUSEx, a despesa lhe consumiria o equivalente a 10 meses de vencimentos. À vista!



NOVAS PERSPECTIVAS

Na área da Assistência Social, o "Vale-Transporte" e a "Creche" são atividades recentemente criadas, aguardando recursos específicos.

Estuda-se, ainda, a implantação de um Sistema de Apoio ao Idoso.

No que se refere ao FUSEx, estudos visando a melhorar significativamente seu padrão de desempenho foram realizados, resultando em propostas já aprovadas e consubstanciadas em Portarias. São as seguintes:

— descentralização de créditos diretamente às Unidades Gestoras;

— incorporação ao FUSEx dos recursos oriundos de aplicação das contribuições no mercado financeiro; e

— transformação das despesas devidas pelo usuário em Unidade de Serviços Médicos (USM) quando de sua averbação (correção mensal no mesmo percentual do soldo).

Ainda com a finalidade de aumentar a receita visando a permitir um maior interesse das melhores clínicas e profissionais, foi encaminhada ao EMFA a proposta de duplicar o valor das contribuições mensais.

Outra proposta encaminhada ao EMFA sugere elevar o teto permissível para consignações de 10% para 20%, averbando-se a quantia que exceder esse limite.

Sem esquecer o aspecto assistencial que preside o trato dos assuntos do FUSEx, procura-se dar-lhe um cunho bastante profissional.

A Diretoria de Assistência Social conta com a compreensão de todos para que possa continuar, cada vez melhor, a servir à família militar.

17 ANOS DE VERDE-OLIVA







Comemora-se no mês de maio mais um aniversário da VO.

O CCOMSEX, nesta oportunidade, agradece a todos aqueles que têm contribuído no sentido de permitir a continuidade do seu trabalho e, dessa forma, manter em circulação esta revista.

ABRA A TORNEI A DA SUA CAS

Abra a torneira de suas economias e deixe-as correr para as suas cadernetas de poupança.

Continue a acreditar.

Poupança POUPEX será sempre o investimento que realizará o seu sonho da Casa Própria.